



Noites Contos de Terror Sombrios

**Gratuito para
download**

**Alegoria da Maldade
Assassina de Sonhos
O olho que tudo vê
O Passageiro
A Estranha
Diabólica
Draculea
Mr. Sheol
*E outros contos***



ADEMIR PASCALE

NOITES SOMBRIAS

CONTOS DE TERROR

ADEMIR PASCALE
AUTOR

Noites Sombrias - Contos de Terror
Copyright © por Ademir Pascale
Projeto editorial por Ademir Pascale

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor
Obra protegida por direitos autorais

2020

===== APRESENTAÇÃO =====

Num mundo difícil e cruel, Ademir Pascale apresenta personagens incompreendidos pela sociedade e protagonistas que lutam pela liberdade, mas que muitas vezes acabam indo parar no pior lugar possível: o inferno.

"Noites Sombrias" mescla várias histórias do autor que vão do terror até a fantasia e ficção científica. Um grito no meio da escuridão que irá fazer até os mais fortes estremecerem.

Leia, aventure-se e reze pela sua alma.



— Vou morrer, disse-me ele, tenho de morrer desta deplorável loucura. Aqui, e só aqui, está o meu fim. Tenho medo dos acontecimentos futuros, não por eles mesmos, mas por seus efeitos. Estremeço com a ideia de qualquer incidente, mesmo do mais trivial, que possa influir nesta intolerável agitação de espírito. Na verdade, não tenho aversão ao perigo, exceto no seu efeito absoluto — no terror.

— Edgar Allan Poe, *A Queda da Casa de Usher*

ÍNDICE

Antonio Spadoni.....	5
Laila e os Caçadores de Demônios	10
Diabólica	15
O Passageiro.....	18
Alegoria da Maldade	22
Amor Liberto	24
O Olho Que Tudo Vê.....	29
Cassandra Corbu	33
Metamorfose.....	35
A Velha Canção do Marinheiro do Futuro.....	38
Draculea	43
Mr. Sheol	45
Frei François	48
O Lado Oculto de Rose.....	52
A Estranha.....	55
Assassina de Sonhos.....	58
O Brinquedo de Ramurak - O Deus Menino.....	63
Biografia do Autor.....	65



ANTONIO SPADONI

São Paulo. Bairro de Moema. Sábado. 23hs.

No alto da igreja, como uma gárgula, ele visualiza os poucos transeuntes que perambulam nas ruas mal-iluminadas do seu bairro. Ele olha para as janelas de algumas casas e consegue ver a movimentação rotineira das famílias em seus lares: muitos estão vidrados, acomodados em seus sofás, assistindo algum programa na televisão que tem como objetivo apenas fazê-los ainda mais consumistas. Num sobrado, através da janela de um quarto, ele verifica a briga diária de um jovem casal.

Eles não imaginam o que está acontecendo lá fora e muito menos sabem que demônios caminham disfarçados sobre este planeta desde tempos imemoriais.

Ele tenta manter o controle das coisas. É difícil, bem difícil, mas faz o possível e algumas vezes até o impossível para atingir os seus objetivos.

Um bilhete amassado dentro do seu bolso é retirado. Ele confirma mais uma vez o endereço de um bar que deve visitar ainda essa noite. E com uma agilidade incrível, desce do parapeito até o chão.

Caminhar a noite traz lembranças indesejáveis, da época em que ele era um garoto de rua, solitário, faminto, sem dinheiro e sem esperanças. Perdera os pais quando tinha apenas três anos. Maldita morte que leva os bons e deixa os maus. Chegou a cheirar cola inúmeras vezes para se esquecer do abuso sexual que sofrera do pai adotivo. Entre os nove e doze anos de idade, fora preso quatro vezes por roubar à mão armada. E em todas as quatro vezes apanhou muito, pois os policiais sabiam que ele não ficaria ali por muito tempo.

Ele aprendeu nas ruas que nem tudo o que vemos é real. Que muitas pessoas elegantes, bonitas e cheirosas carregavam em suas entranhas um ser demoníaco pronto para destruir.

Ele sabe identificar quem é quem; demônio ou humano, pois além do conhecimento que adquiriu, ele possui um dom muito especial, o que também o difere de outras pessoas: o de enxergar auras.

As auras dos humanos são praticamente iguais e variam pouco em sua tonalidade, dependendo do grau emocional de cada um. As auras dos demônios são idênticas: negras como o abismo mais profundo.

Demônios estão na Terra apenas para instituir o caos e se deleitam com os prazeres mundanos, com as guerras, com o sofrimento e o terror.

O bar estava próximo, num beco escuro e sujo, um local que a maioria dos humanos passariam longe. Por via das dúvidas, esta noite ele se passaria por demônio, e o ingresso para entrar são palavras milenares de uma língua extinta, pronunciadas para o demônio guardião do local.

Ele se aproxima cautelosamente daquele imenso ser em frente à porta de entrada. O guardião traja roupas normais, como os humanos, mas o capuz que usa e a falta de iluminação dificulta a sua identificação. Palavras são pronunciadas. O guardião apenas levanta a cabeça e deixa à mostra seus olhos luminosos. O demônio bufa como um equino, depois empurra a pesada porta de madeira deixando o acesso livre para ele passar.

Uma festa está acontecendo ali. O som está alto, mas ainda é possível ouvir as gargalhadas estridentes. E mesmo acostumado com ambientes assim, o seu coração parece que vai explodir dentro do peito.

Não por estar nervoso, mas sim pela ansiedade em estar logo entre eles para poder matá-los, um a um.

Seu nome é Antonio Spadoni, e ele é um padre de cinquenta e cinco anos, mas não um padre tradicional daqueles que apenas celebram missas: ele é um caçador de demônios.

— Me dá a bebida mais forte da casa — disse Spadoni ao demônio barman, que sorri mostrando seus dentes amarelados, depois despeja simultaneamente a bebida de duas garrafas num copo.

O líquido desce quente em três goles. Ele pede mais e enquanto o barman prepara o drink, o padre olha o ambiente. Bem lá no fundo, ele consegue identificar Berith, demônio que sabe tudo sobre o passado e que prevê o futuro, parceiro inseparável de Paimon, temido e poderoso demônio, comandante de mais de duzentas legiões de demônios e um dos braços direitos de Samael, o rei do inferno. Além deles, cerca de cinquenta demônios se divertem com prostitutas humanas. Certamente elas não sabem que os ocupantes daqueles corpos são temíveis e milenares monstros, loucos famintos por almas humanas.

Spadoni já tinha observado a dupla em ação e pode defini-los como Berith sendo o “cérebro” e “Paimon” os músculos.

Ele deve ficar longe da vista de Berith e agir no momento certo. Para ele que é um experiente caçador, cinquenta demônios não são nada. O problema mesmo será Paimon.

Um breve silêncio no salão, com ressalva de gritinhos ofegantes das prostitutas e copos de vidro vazio batendo sobre as mesas. Todos ficam mais agitados e sorridentes quando um demônio coloca uma ficha na Jukebox e seleciona a faixa Sympathy For The Devil, do Rolling Stones, menos o padre que pensa numa estratégia para pegar todos sem que as moças saiam feridas.

Cautelosamente ele vai até o corredor principal, local que todos devem passar ao sair. Uma fileira de sal, de ponta a ponta, é feita no chão. Demônios não ultrapassam fileiras de sal, portando, ali será uma ótima barreira para que fiquem aprisionados apenas com o seu executor: Spadoni.

Ele caminha calmamente entre os demônios. Empurra com violência um deles da cadeira e sobe sobre uma das mesas. Retira a jaqueta de couro, deixando sua batina negra à mostra, depois puxa sua espada, que estava acoplada num suporte de couro nas costas.

Alguns demônios ainda não viram o homem de batina. Spadoni pega uma garrafa de whisky que estava sobre a mesa e a atira na Jukebox. Acabou o som. Todos olham furiosos para o padre. Ele range os dentes enquanto retira de um bolso interno da sua roupa uma pequena garrafa contendo um líquido incolor, rosqueia e retira a sua tampa, para logo em seguida respingar o seu conteúdo nos que estão próximos.

Fumaça.

Odor de carne queimada.

Água benta sempre foi muito eficiente nesses casos.

O que padre Antonio Spadoni nunca entendeu foi por que os demônios nunca gostaram de usar armas. Eles preferem os punhos e os dentes, talvez para saborear ainda mais a carnificina. Mas isso era uma vantagem para ele que é um exímio espadachim. E sua espada não é tão simples como qualquer outra, ela fora benzida por doze padres, tornando-se num instrumento poderoso contra as forças do mal.

Spadoni poderia usar armas de fogo. Seria muito mais fácil meter na testa de cada um daqueles demônios uma bala benzida em água benta. Mas ele também sente prazer em usar a sua espada. Fora isso, sua agilidade também não o difere muito de um franco atirador.

Os segundos passam lentos. Spadoni vê a feição demoníaca de cada um. Suas auras negras infestam o ambiente. As prostitutas ainda não entenderam que aqueles que aparentam homens não passam de terríveis e sanguinários demônios. Berith empurra as três prostitutas que estão sobre ele, puxa a calça para cima, fecha o zíper e se levanta da cadeira. Paimon já está de punhos cerrados, mas a primeira ordem do líder foi a de sair pela porta dos fundos. A segunda foi para os demônios trucidarem o padre.

Spadoni sorri e sente prazer em enfrentar a morte armado.

Mesmo tendo confiança que vencerá àqueles asquerosos seres, ele sabe que poderá morrer se errar um mísero golpe.

Ele segura as duas mãos com firmeza na bainha da sua espada na altura do seu umbigo, aponta a arma para frente, depois gira o corpo na velocidade de um relâmpago.

Nove cabeças são decepadas.

As prostitutas param de sorrir ao ver a violência e ficam atônitas em notar que o sangue derramado daqueles homens, não possuem a cor vermelha, mas sim, negra.

Spadoni salta da mesa com sua espada nas mãos e divide ao meio o primeiro demônio em sua frente. Golpes certos o afasta de dentes sedentos por carne humana. Uma pesada cadeira de madeira é atirada. Ele cai e sente o chão girar, mas ainda segura com firmeza a sua arma. Os demônios se atiram sobre ele. Unhas e dentes pontiagudos arranham e fincam em sua carne. E com força sobre-humana, ele se ergue em meio aos demônios e grita de tal maneira que todos do salão estremecem. Suas veias salientes e pulsantes. Seus olhos arregalados. Seus dentes à mostra. Alguns demônios rastejam para longe daquele homem. Os mais corajosos tem membros decepados. As prostitutas correm e passam pela fileira de sal. Estarão seguras lá fora, exceto pelo guardião que continua em pé, estático em seu posto.

Como uma máquina mortífera, Spadoni desfere golpes até o último demônio cair no salão. Mas ele sabe que ainda resta mais um escondido atrás do balcão: o barman.

O padre caminha lentamente. Seus passos são leves e não causam ruídos. Ele sangra e seus braços estão cobertos por ferimentos, mas a dor é o gás necessário para fazê-lo ainda mais furioso.

— Saia do teu esconderijo, demônio maldito. Chegou o dia em que retornará para tua morada, bem ao lado de Samael, lugar do qual nunca deveria ter saído — esbraveja Spadoni.

Mas ele, experiente caçador de demônios, servo de Deus, também erra e seu excesso de confiança quase o faz perder a vida, não que ele dê valor à ela, mas simplesmente pelo fato de errar depois de mais de quarenta anos enfrentando o mal.

BUUUMMM!!!

Ele sentiu o calor da bala calibre 12 passar próxima ao seu olho esquerdo.

Para ele, demônios não usavam armas, pelo menos até segundos atrás. O barman estava pronto para dar o segundo tiro e provavelmente não erraria.

Tempos modernos, pensamento humorado e inoportuno para àquele momento que exige uma rápida ação.

Spadoni atira sua pequena adaga de prata e perfura o olho direito do demônio. Ela não estava benzida, mas foi tempo suficiente para alcançar e retirar a arma do atirador.

A espingarda é jogada no chão.

Spadoni recoloca a sua espada em seu suporte.

O barman, sangrando à sua maneira, continua em pé e sem ação.

1,2,3,4,5,6,7,8,9. Esta é a quantidade de vezes que Spadoni bateu a cabeça do demônio no balcão, até ela deixar de ter uma forma definida.

Sim, por incrível que pareça, eles também possuem cérebro. Mas Spadoni já sabia disso.

Ele pega a arma no chão, uma espingarda com o cano serrado, e caminha desviando dos corpos no chão e vai até a porta de entrada, que está aberta.

Spadoni verifica rapidamente a situação e nota que o guardião está com as seis prostitutas presas, sendo três em cada um dos seus poderosos braços.

Parece que o demônio vai tentar negociar com o padre a soltura delas...

— Padre desgraçado, posso soltar cinco delas, mas levarei uma comigo, mas tenho algumas condições. Eu...

BUUUMMM!!!

Esta noite o padre fez algo inusitado: usou pela primeira vez uma arma de fogo. E se deu muito bem.

O guardião errou em tentar negociar, pois Spadoni nunca negocia com demônios.

As garotas estão salvas e não tem tempo em agradecer ao padre. Elas correm desesperadas, exceto uma que caminha lentamente olhando para o chão.

Spadoni está acostumado com isso: os heróis reais são bem diferentes dos heróis dos quadrinhos e dos seriados da tevê. Não existem mocinhas que se jogam em seus braços, não que ele queira isso, pois fez voto de castidade. Mas um obrigado de vez em quando seria bom.

As dezenas de cicatrizes espalhadas pelo seu corpo clamam por isso.

Mas ele mergulha mais uma vez na solidão e caminha entre as sombras até chegar na porta dos fundos da sua igreja. No ofertório, o padre retira um bilhete amassado. Ele sabe que ali está o endereço do próximo local que deverá visitar. Ao longe ele consegue visualizar o informante de costas e com um capuz sobre a cabeça, que sai apressado.

Spadoni não sabe quem ele é. Podem ser anjo ou mesmo um demônio aliado. Ele só sabe que as informações chegam até ele sempre desta maneira: num bilhete amassado que é colocado todas as noites no ofertório da sua igreja. De qualquer forma, àquele informante sabe que ele é um caçador de demônios e que está neste planeta apenas para combatê-los.

Quantos mais existem neste mundo? Quantos caçadores arriscariam a sua vida no anonimato para proteger outras vidas? Indagações que ficam sempre no vazio...

Ele verifica o local que deverá visitar e nota que não é tão longe dali. Um prédio residencial aparentemente comum.

Hoje ele está cansado e ferido, mas não lhe falta coragem para morrer. Enfrentar demônios sozinho é um trabalho arriscado e insano. Mas isso já se tornou num vício. É como um alcoólatra que diz que vai ingerir seu último copo com água ardente, mas que no dia seguinte repete a mesma promessa. Spadoni só pensa nisso: caçar demônios. Caçar demônios. Caçar demônios... Sua mão fica trêmula quando passa um dia sem o seu ofício. Parece que lhe falta ar ou que algo está errado e fora do lugar. Ele se sente completo quando sai às ruas e chega ao seu local de destino. E cada cicatriz em seu corpo corresponde a um prêmio que carregará consigo até o último dia da sua tortuosa vida.

Ele se esquece constantemente que é um servo de Deus. E quando isso acontece, ele segura com firmeza o crucifixo que carrega no peito, símbolo daquele que morreu para salvar a humanidade, um dos maiores caçadores de demônios que já existiu: Jesus Cristo.

Isso injeta óleo em suas engrenagens desgastadas. Ele caminha mais rápido, mas mesmo o local sendo próximo, parece que seus largos passos nunca chegam ao seu local de destino.

Ele está ansioso e acabou se esquecendo de ingerir os seus comprimidos. E isso não é nada bom.

A fúria toma-lhe o corpo e o possui de maneira devastadora.

Número 222. Spadoni nota estranhas inscrições e símbolos acima da porta de entrada do prédio. Embora seja uma língua semelhante, não é aramaico.

Spadoni entra. Não há ninguém na portaria e o silêncio absoluto o preocupa, pois demônios são barulhentos e desordeiros. Mesmo assim ele caminha pelo corredor central em busca de alguma pista. O luxo está por toda parte e obras de arte estampam as paredes. Spadoni notou que todos àqueles quadros pertencem a um único artista e verifica com assombro um deles.

— William Blake é o autor destes quadros. Este do qual você tanto olha é “O grande dragão vermelho e a mulher vestida de Sol”. Blake foi o único ser humano que conseguiu ver a real aparência de nós demônios. Este retratado no quadro é o meu parceiro Paimon — disse Berith ao padre que já está com sua espada em mãos.

— Demônio maldito, não sabia que vocês também gostavam de arte. Mas isso irá durar pouco tempo, pois logo o mandarei de volta ao inferno — esbraveja Spadoni num mar de fúria.

— Em sua cabecinha humana você acha mesmo que poderá nos enfrentar para sempre? Quantos anos mais você viverá? É claro que você não sabe, mas eu sei, mas não vou te contar, só digo que estou na Terra há milênios e nenhum outro caçadorzinho foi capaz de fazer eu retornar ao inferno. Paimon!

Quando Spadoni percebe que não está só com Berith, já é tarde. Paimon derruba a sua espada com um único golpe do seu braço esquerdo, o segundo foi um soco duro e seco em seu queixo. No chão e completamente atordoado, ele cospe sangue, além de alguns dentes. Outros demônios chegam e o cercam. Desarmado, Spadoni começa a gargalhar. Ele sabe que algo está errado e que os comprimidos que não ingeriu são os malditos culpados.

— Berith, esse padre é louco? — pergunta Paimon.

— Não, Paimon, aqui na Terra eles chamam isso de transtorno bipolar. Fora isso, ele não tem medo da morte e falta-lhe alguns parafusos. Mas a gente pode fazer ele sofrer... bastante! — Berith cruza os braços e ordena para que Paimon faça o que ele faz de melhor.

Paimon se joga e cai de joelhos sobre as costelas de Spadoni. Som de ossos se quebrando. O padre coloca as mãos sobre o peito e dá um longo suspiro, para depois gargalhar ainda mais. Vidros são estilhaçados no chão. Os demônios rasgam a batina do padre e retiram a sua camisa. Paimon o arrasta pelos cabelos sobre o vidro deixando um rastro de sangue.

Spadoni, quando tem essas crises, se esquece de quase tudo, até de quem ele é. E quanto mais Paimon o arrasta sobre o vidro, mais ele sorri. A pequena garrafa de água benta em seu bolso é quebrada. A adaga de prata presa no cinto é inútil, pois ele nem sequer se lembra que ela está ali.

— Pare, Paimon, isso não vai adiantar. Vamos ver se ele vai continuar sorrindo depois do que faremos com ele. Sente-o na cadeira e retire os seus sapatos. Depois me dê um martelo.

Geralmente Berith apenas comanda, mas desta vez ele será o torturador. Ele chega próximo ao padre, que mesmo com os olhos lacrimejando, continua sorrindo. Levanta o martelo acima da sua cabeça e o desce com velocidade até atingir um dos dedos do padre. Esmagado.

Spadoni urra e cospe sangue, mas o que ele pronuncia em seguir é difícil de compreender. Berith encosta o seu ouvido na boca do padre para ouvir melhor.

— Ainda... ainda... ainda faltam nove dedos... hahahahahahahahaha.

Em milênios, nenhum daqueles demônios jamais viram Berith tão furioso. Ele pega a espada do padre e está pronto para desferir o golpe que irá separar a cabeça de seu corpo. Spadoni olha para cima e vê no teto uma forte luz se aproximando.

Seria a luz da qual tantas pessoas falam quando estão à beira da morte?

Um estrondo faz Berith deixar a espada cair. Ele não previu isso, pois perdeu a concentração com o padre. Um opala preto e com os faróis altos arrebentou a porta da entrada e invadiu o salão do prédio.

Todos ficam estáticos quando uma jovem garota de cabelos curtos, meia-calça preta rasgada e coturnos, salta do veículo com duas armas em punho.

Ela tem uma ótima mira e os demônios vão tombando, um a um.

Berith foge com Paimon, pois acabou de prever que o seu futuro não será nada bom, caso continue no prédio.

— Acabou, padreco, não restou nenhum, a não ser os dois covardes que fugiram. Apóie-se em meu ombro e vamos sair daqui — Spadoni se levanta com dificuldade e começa a se recordar do que ele realmente foi fazer ali. Ele segura o seu crucifixo e olha para a garota.

— Eu... eu a conheço... Você não é uma das prostitutas que estava lá no bar com os demônios?

— Sim, padreco, e você acabou com tudo. Minha intenção era explodir àquele lugar e mandar todos de volta para o inferno. Mas você chegou e adeusinho plano.

— Então... você também é uma caçadora de demônios?

— Não, sou teu anjo da guarda. É claro que sou uma caçadora de demônios. E muito bem precavida e com balas benzidas em água benta. Agora vamos sair daqui antes que a polícia baixe por aqui. Vai ser difícil fazê-los entender e acreditar que esse monte de traste são demônios.

Spadoni olha para a garota e descobre que nem tudo está perdido. Pelo menos por enquanto...

LAILA E OS CAÇADORES DE DEMÔNIOS

Ela olha para trás e se certifica de que ninguém a está seguindo.

Uma sensação estranha de desconforto não a deixa raciocinar direito. Ela para no pátio. As luzes da igreja estão apagadas. A porta principal está fechada. O silêncio chega a ser perturbador, até um som estranho surgir detrás de um dos carros estacionados. Arma em punho. Dedo no gatilho. Coração acelerado. A tensão aumenta a cada passo. Até... alarme falso.

Alguns gatos noturnos estão tentando rasgar sacos de lixo. Ela sorri aliviada, não por não ter encontrado o que esperava, mas por economizar suas balas benzidas em água benta.

Então caminha em volta da igreja, em sentido à porta dos fundos.

Entreaberta. Ela anda vagarosamente pelo extenso corredor mal iluminado e no meio do trajeto resolve ajustar os fones de ouvido em seus devidos lugares. Seleciona a música *Bring me to life*, do Evanescence, aumenta o volume no último tom e, balançando a cabeça para frente e para trás, percebe uma porta onde há uma luz acesa, bem lá no fundo.

Ela retira os fones de ouvido e ouve uma voz masculina. Padre Antonio Spadoni, concentrado, está dentro de uma pequena sala.

Olhando-se fixamente no espelho, nem sequer ele notou sua presença.

– Tem alguém aí dentro? Eu sei que tem... Fala comigo. Fala comigo. Por favor... FALA COMIGO – desesperado e com o rosto molhado pelo suor, Spadoni puxa os cabelos.

Laila fica arrepiada ao notar que ele está sozinho lá dentro, indagando a si mesmo. Ela sabe que algo está errado com ele e que este não será o momento certo para uma conversinha com chá e biscoitos.

Ela retira uma caneta do bolso e escreve rapidamente num pedaço de papel. E, sem que ele perceba, deixa o bilhete sobre a mesa, embaixo de um punhal.

O que se passa na cabeça do padre, talvez ela nunca saberá.

Já lá fora, com um pequeno crucifixo que acabou de roubar da mesa do padre, ela caminha até a rua de cima, onde seu Maverick 78 está estacionado. Na realidade, este veículo não é seu, mas fruto de roubo da casa de um rico colecionador de raridades.

O ronco do motor faz com que algumas luzes da vizinhança se acendam.

Ela adora fazer isso e não dá a mínima por chamar a atenção, pois em poucos segundos estará longe dali.

As ruas estão desertas. Seu destino é uma movimentada danceteria que fica próxima à Praça da Bandeira, centro de São Paulo.

Ela estaciona o carro em local proibido. Laila sempre evita estacionamento.

Logo surgem dois flanelinhas que desistem da ideia de cuidar do Maverick quando ela levanta a camisa e deixa à mostra suas inúmeras tatuagens, além da coronha do seu revólver calibre 32.

Em frente à danceteria, ela nota dois seguranças que revistam e correm o detector de metais em quem deseja entrar. Mas não será um problema para ela, algo até fácil, pois já passara por isso inúmeras vezes.

Um dos seguranças, um homem negro, forte, com mais de dois metros de altura, passa o detector de metais sobre a roupa dela, até chegar ao local onde disparou o aparelho.

– A senhora está portando algum objeto de metal aí embaixo da camisa?

– Estou, mas está bem abaixo do umbigo. Você quer que eu mostre pra você lá dentro? Se quiser pode ser no banheiro – Laila se segura para não mandar o segurança para a mãe que o pariu. Chamá-la de senhora foi um tremendo insulto.

– É? Bem... pode ser, mas não agora, o chefe está olhando pela câmera. Faz o seguinte: vou passar um rádio para o segurança da porta dos fundos para deixar você entrar, ok? Lá pelas 3 da manhã, quando a coisa aqui fora estiver mais sossegada, eu te procuro lá dentro. Disfarça, finge que vai embora, mas dá a volta e entra, beleza...

Você entrará como vip.

– Beleza, gato! – Laila mostra o dedo para a câmera, depois sai rebolando em direção à porta dos fundos, mas com vontade de vomitar, pois não gosta de homens.

O acesso pela porta dos fundos foi tranquilo. O segurança apenas a olhou de cima abaixo e deu um sorriso malicioso, depois carimbou a mão da moça para acesso vip e a deixou entrar. O lugar estava agitado, nas próprias palavras de Laila, pegando fogo. A música *Confusion*, do New Order, mesclava com o ambiente.

Empurrões, euforia, quentura e cheiro de suor.

Logo surgem os primeiros olhares dos homens.

Mas não são estes que ela procura.

Instintivamente, no meio de dezenas de pessoas, o olhar de Laila cruzou com o de Monique, como se já soubesse que a garota estava ali no meio daquela confusão apenas esperando ser encontrada.

A aproximação foi imediata.

Laila pensou em erguer os braços e se encostar na garota, mas seria um grande erro deixar sua arma à mostra.

Ambas apenas acenam a cabeça, concordam em sair dali e se encostam no balcão. Então, decidem tomar um drink e, embora permaneçam sem trocar palavra, os olhares preenchem esta lacuna.

Idade “aparentemente” semelhante. Mesmos gostos identificados nas tatuagens e trajes. E ainda ao som de *Confusion*, as garotas se abraçam. Ofegante, Monique convida Laila para conhecer sua casa.

O aceite veio logo em seguida.

Rápido como deveria ser. Afinal, pra quê perder tempo? Foram poucos minutos para encontrar sua cara-metade, até aquele presente momento tudo corre muito bem. Monique acerta a conta e as duas saem felizes da danceteria, exceto ao cruzarem com o segurança que liberou a entrada de Laila.

– Você... Você está de mãos dadas com esta garota? Tentou me enganar para entrar? – os olhos do segurança faíscam de fúria. Ele segura e aperta com força o braço de Laila.

– Ei, quem você pensa que é, seu desgraçado? – Laila cerra os dentes e chuta com força a genitália do segurança, que desaba como uma parede de concreto.

Outros seguranças são acionados. E antes que as coisas se compliquem ainda mais, as garotas correm e se dirigem ao carro de Monique, um Range Rover Sport.

Um dos flanelinhas informa para os seguranças onde as garotas estão.

Monique, com as mãos no volante, acelera. Laila, incomodada no banco dianteiro do passageiro, se levanta para retirar do bolso um copo que roubou como souvenir na danceteria. Em pensamento, ela lamenta por largar seu Maverick na rua, pelo menos por enquanto.

E, por mais que os seguranças correm, o carro desaparece de vista.

Monique, sorridente, coloca a mão sobre a perna de Laila.

– E aí, gata, curtiu a aventura?

– Curti. Nada para tirar o fôlego, mas foi bom – Laila ajeita os cabelos tentando disfarçar sua ansiedade.

– Logo chegaremos a minha casa, fique tranquila – Monique arma um olhar malicioso. Laila retribui.

Laila liga o som do veículo e tenta sintonizar uma rádio que toque música que lhe agrade, mas não encontra nenhuma. Monique retira um pen drive do porta-luvas e o oferece a Laila.

– Aqui tem som dos bons!

O veículo segue ao som de *Roadhouse Blues*, do The Doors.

Em poucos minutos já estavam em frente à casa de Monique, num local a duas quadras da igreja do padre Antonio Spadoni.

O portão automático foi acionado. Logo surgiu um segurança com um cão rottweiler preto pela coleira.

– Tudo bem, senhora? – perguntou o segurança olhando desconfiado para Laila.

– Tudo bem. Esta é minha nova... amiguinha!

Laila dá um tchauzinho para o segurança enquanto o carro é estacionado.

Ela olha para os lados e verifica que é um lugar de difícil acesso, tanto para entrar, como para sair. Uma casa que mais parece uma prisão. Ela verifica as horas. Até então, tudo perfeito.

Na porta da casa, uma senhora veio recepcioná-las.

– Deseja alguma coisa, senhora? – pergunta a empregada.

– Sim, privacidade. Ah, mas antes traga uma bebida para nós, ok?

Elas entram na casa. Laila fica impressionada com a belíssima decoração. Tudo em seu devido lugar, limpo e... caro. Monique parecia ser uma empresária bem sucedida. E qualquer pessoa que conhecesse Laila saberia que ela tiraria proveito disso. Mas não naquele dia. Não naquele momento. Não com Monique. Sua intenção era outra, bem diferente...

Laila verifica os títulos dos CDs de Monique: “The Doors”, “Iron Maiden”, “Nirvana”, “Black Sabbath”, “Metallica”, “AC/DC ”... A empregada serve a bebida para as garotas. Elas brindam. Monique acha graça da Laila ter engolido o líquido num único gole. Elas se entreolham seriamente, então Monique pede licença para se trocar, colocar algo mais confortável e apropriado para o momento. Laila senta no sofá enquanto a nova amiga vai para o quarto. Mas por pouco tempo. Ela verifica mais uma vez as horas e sai em disparada olhando para todos os cantos da imensa casa. Várias portas estão abertas, mas Laila se interessa mais pelas que estão fechadas.

Ela abre e verifica uma por uma, da maneira que só uma ladra sabe fazer.

Nada de anormal nos cômodos foi encontrado. Só restou verificar uma porta, lá nos fundos.

Laila corre, pois tem pouco tempo para concluir a operação, motivo de sua saída naquela noite. O sentido que a move para viver: caçar demônios.

A porta está trancada. Mas com apenas dois alfinetes que sempre carrega consigo conseguiu destrancá-la em menos de 20 segundos.

Porta aberta.

A cena que se descortina provavelmente nunca mais se apagará de sua mente.

Ela já presenciou muita coisa ruim em seus 25 anos de vida, mas esta...

O terrível odor enche suas narinas.

Ânsia. Vontade de vomitar.

Ela tenta não perder o controle e deve se concentrar em seu objetivo e procurar... Procurar por vida.

O quarto está repleto de cadáveres dissecados. Alguns, um sobre os outros, num canto ao lado de uma parede escura e mofada.

Outros estão nus sobre mesas. Os mais impressionantes estão pendurados pelos pulsos em cordas que vão até o teto. Laila verifica a expressão facial de cada um deles e conclui que morreram sofrendo muita dor.

Ela para em frente a uma garota provavelmente de sua idade. Seu corpo desnutrido revela que ficou ali por muito tempo sem comida e sem água, ou algo lhe sugou a energia, especialidade de alguns demônios.

Laila, vidrada, olha para aquela garota tentando imaginar seu nome ou como ela foi parar ali.

Silêncio.

Concentração.

Olhos se abrem.

Laila dá um salto e quase entra em choque quando percebe que a garota ainda está viva.

Ela tem que se concentrar.

Rapidamente, sobe numa cadeira e desamarra a garota, que cai abruptamente no chão.

Ela olha mais uma vez para o relógio, em seguida coloca o braço da garota sobre seu ombro e a coloca em pé. Com força hercúlea a arrasta até a sala.

Monique, com uma roupa mais confortável, aguarda Laila sentada no sofá. Com os olhos arregalados e surpresa, pergunta: – Mas... o que está acontecendo aqui? Como você...

Já com a arma numa das mãos, ela acomoda a garota semi-morta numa confortável cadeira, depois retira um recorte do bolso e joga no colo de Monique.

– Leia, sua vagabunda.

Jornal Um Dia em São Paulo

A delegacia do bairro de Pinheiros, em São Paulo, informou que cerca de 1 pessoa desaparece todas as noites no bairro e imediações sem deixar pistas há cerca de 3 meses. O sequestro foi desconsiderado, já que algumas das pessoas que desapareceram eram moradores de rua.

As investigações continuam, mas não existe progresso.

Alguns moradores cogitam ser tráfico de órgãos, mas são apenas especulações.

– Você é da polícia, ou... – pergunta Monique com as mãos sobre o sofá, pronta para se levantar.

– Ou... caçadora de demônios, é isso o que você ia perguntar, vadia?

Sem medo e com os olhos luminosos, Monique, com fúria, se levanta e vai de encontro a Laila, que não hesita e dispara.

Tiro de raspão.

Elas se atacam. Arma no chão. Laila chuta a genitália de Monique, ela apenas sorri e responde com um chute que atira a outra para o canto da sala. Laila sente dor, mas isso é para os fracos. Ela se levanta e vai de encontro novamente a Monique, mas desta vez o soco que levou no queixo fez seus olhos lacrimejarem.

– Você terá o mesmo destino que ela, Laila – diz Monique apontando para a garota no sofá, já morta.

Laila não conseguiu salvar a vida daquela garota, mas tentará salvar outras vidas enviando Monique novamente para o inferno.

Mas não está sendo nada fácil.

A todo momento, Laila espera por uma brecha para pegar o revólver caído no chão, a arma mais poderosa que ela tem no momento contra demônios. Mas ela tem outra opção guardada consigo, um soco-ínglês de prata, bento como as balas de seu revólver. Monique gargalha ao ver a atitude de Laila com o soco-ínglês entre os dedos, mas desfaz o sorriso rapidamente quando leva o primeiro golpe que a faz sangrar. Momento certo para Laila pegar a arma no chão e atirar na empregada que ouviu a luta e apareceu para ajudar a patroa.

Mais um demônio que voltou para sua morada no inferno.

Restam apenas quatro balas. Monique é rápida, difícil de mirar para dar um tiro certo. Laila resolve usar o plano B. Ela corre, vai até o jardim da casa. Monique caminha vagorosamente, já sabendo que Laila não conseguirá escapar. O segurança, com o rottweiler na coleira, já está de prontidão. Ele solta o cão do inferno que corre ferozmente em direção a Laila. Ela dispara e o acerta, mesmo assim ele continua o trajeto. Ouve-se mais um disparo. O cão, ferido e baleado, continua correndo e já está bem próximo. Ela não sabia que cães do inferno eram tão poderosos. E, com a penúltima bala no tambor, ela engole em seco e dispara. O cão morre a seus pés.

Laila olha para Monique e para o segurança e resolve atirar nele, um tiro certo, bem no meio da testa. Sem munição, ela corre para o portão.

– Como você acha que vai sair daqui, vai escalar este portão imenso? Você acha mesmo que vai sair daqui viva? – diz Monique usando seu verdadeiro tom de voz, um tom que faria qualquer humano estremecer.

– Não, vadia, está vendo isso aqui na minha mão? – Laila levanta o braço e balança o jogo de chaves, deixando Monique surpresa. – Roubei de você assim que saímos do carro.

Laila aperta o botão do chaveiro e aciona o portão automático, para logo em seguida sair em disparada.

Ela olha o relógio e faz o sinal da cruz. Esta noite está sendo bem mais cansativa do que ela esperava. Os hematomas decorrentes da luta ficam mais visíveis em seu corpo. A dor aumenta. Mesmo assim ela deve correr e continuar com seu plano B. Monique vem caminhando logo atrás, como que se já soubesse que Laila não aguentaria ir tão longe naquele estado.

Laila cai. Monique se aproxima e ergue os braços clamando por forças ocultas. O céu se fecha e a noite fica mais escura. Ainda no chão, Laila se arrasta de costas. Monique está pronta para sugar sua força vital, o mesmo que fez com todas aquelas pessoas. Seus dedos, como garras, estão prontos para

desferir o golpe final.

– A sua energia fará parte do meu corpo. Toda a sua...

THUdT

Uma flecha é fincada no crânio de Monique.

THUdT

Outra flecha é fincada em seu pescoço. Surpresa, seu último olhar foi para a torre da igreja, onde padre Antonio Spadoni, sem camisa e de cueca samba canção, ergue seu arco em sinal de vitória.

– Uhuuuuuuuuu!!! – eu li o bilhete que você deixou em cima da minha mesa, Laila – grita Spadoni.

Querido padreco.

Vim hoje até a igreja para combinar uma caçada contigo.

Um poderoso demônio vem matando diversas pessoas para sugar suas energias vitais. Venho investigando este caso faz tempo e finalmente descobri quem ele é. Mas se algo der errado farei o possível para chegar no pátio da igreja mais ou menos às 3 h da manhã. Se alguém estiver comigo ou me perseguindo, sei que você saberá destingir humano de demônio.

Beijos,

Laila

Laila olha para o relógio: 3 h 5 min. Ela calculou tudo muito bem e teve sorte de Spadoni ter lido o bilhete.

Ela se levanta e põe a mão no peito. Dor. Os joelhos doem. Olha para o padre, ainda na torre da igreja, já bebendo uma garrafa com vinho no gargalo. Na porta da igreja, ela vê um homem de capuz, que resolve caminhar vagarosamente em sua direção.

– Ei, ei. Calminha aí. Quem é você? Spadoni, você não vai fazer nada? – grita Laila.

– Fique... deixe eu beber mais um pouquinho, peraí... Fique tranquila, esse aí, pela aura, não é demônio. Além disso, eu o vejo todas as noites quando vem aqui deixar o endereço de onde eu devo comparecer para matar demônios – diz Spadoni, tranquilo.

O homem para e abaixa o capuz, mostrando seus longos cabelos e barba.

– Meu nome é Rafael. Rafael Monte Cerquillo. Eu também sou caçador de demônios e sei muito bem onde quase todos eles estão ou vão todas as noites. Eu tenho bons informantes, mas preciso da colaboração de vocês para algo bem maior que está para acontecer.

Laila cerra os olhos, depois olha para Spadoni, que apenas balança a cabeça em sinal de aprovação.

DIABÓLICA

Pádua, 16 de setembro de 1938.

Giuseppe Pasqualetto é o meu nome. Nasci no ano de 1905 na província de Pádua, Itália. Sou um jovem historiador e estou sempre em busca de elementos históricos que expliquem a minha existência. Confesso que meus achados arqueológicos foram muitos: antigas obras, cartas e artefatos ritualísticos. Doei a maioria destes objetos para o estudo em museus e universidades da Itália, onde também são usados para a simples contemplação dos interessados e da chamada para o turismo local. Mas, entre estes achados, destaco uma carta datada do ano de 1627, escrita por uma religiosa da cidade de Pádua, chamada Maria di Santoriello. Todos os indícios indicam veracidade, mas pelo fator sobrenatural agregado, preferi guardá-la comigo, pois este tipo de achado geralmente não vai para os museus ou universidades, mas para o estudo da principal igreja *sui iuris* do Vaticano, jamais sendo exposto ao público.

Sempre soube, através de relatos, da existência do diabólico livro *Necronomicon*, que, no ano de 1232, foi banido e destruído pelo Papa Gregório IX. Alguns historiadores acreditam que este livro foi uma invenção do criativo escritor norte-americano H. P. Lovecraft, mas, tenho provas concretas de que não foi, pois restou uma cópia do original em latim que se encontra em meu poder. Encontrei este livro dentro da tumba da Sra. Maria di Santoriello, uma jovem recém-casada, provavelmente esposa de um dos homens mais ricos da região no século XVII, devido aos luxuosos ornamentos em estilo gótico da capela onde encontrei sua tumba. O livro estava bem conservado, devido à reforçada capa de couro. Confesso que li poucas linhas deste livro que cita nomes de mestres infernais, apresenta pentagramas de invocação, e um mapa detalhado do próprio inferno, outra característica que me fez acreditar ainda mais no poema épico e teológico *La Divina Commedia* de Dante Alighieri. Mas, dentro desta demoníaca obra, havia uma carta da própria Sra. Santoriello, que reforçou ainda mais a minha convicção na veracidade do *Necronomicon*, e que certamente aquela era a cópia do original; talvez a única existente.

A carta que reproduzirei abaixo pode ser considerada como uma história episódica da vida da Sra. Santoriello, pois sua principal preocupação foi descrever os angustiantes fatos de parte da sua vida, e não os valores históricos da obra *Necronomicon* e muito menos os regionais.

Segue a reprodução da carta escrita pela Sra. Maria di Santoriello.

Pádua, 07 de novembro de 1627.

“O Tormento em minha vida iniciou-se há dois dias, quando encontrei um maldito livro, intitulado *Necronomicon*.

Tenho dezessete anos e sou filha de fervorosos religiosos. Desnuda de ornamentos, sem experiência no amor e completamente tímida, sempre tive problemas em meus possíveis relacionamentos. ‘Possíveis’ porque nunca me relacionei com um homem, pois quando estava próxima de um, ele se afastava imediatamente. Além da proibição dos meus pais, os rapazes não sentiam interesse em uma garota como eu... Mas, apesar deste triste relato, saiba que eu tentava me consolar nas preces. A Igreja era minha segunda morada, e já era plano dos meus pais, desde os meus treze anos, que me tornaria noiva de Jesus, uma freira. Por quatro anos vinha tentando retardar este acontecimento; não queria viver no celibato e desejava veemente ser como as outras garotas da minha idade: vivenciar novas experiências e experimentar do fruto proibido, mas o inevitável estava

para acontecer, pois meus pais já tinham planejado a minha entrada para o convento com a madre superiora, e minha clausura já era certa, a não ser pelo diabólico plano que tive naquela mesma noite. Plano este que executei com perfeição no dia seguinte. Recordo-me do aroma daquela manhã. O dia estava nublado e o comércio local funcionava normalmente, como todas as rotineiras manhãs de Pádua. Com a Bíblia embaixo do braço e segurando com firmeza um terço, presente dos meus pais, caminhava lentamente e cabisbaixa pelas ruas, um disfarce para o plano que logo colocaria em prática. Chegando ao convento, adentrei a igreja e, como todos os dias anteriores, ajoelhei-me, mas não próxima ao altar como de costume: procurei um lugar mais discreto, próximo à seda rubra de uma grande cortina. Acendi algumas velas e orei boa parte daquele dia. Meus joelhos doíam, pois não estava acostumada a ficar tantas horas naquela posição. Na realidade, pretendia executar meu plano mais cedo, mas faltou-me coragem. Até que, refletindo novamente sobre a minha vida enclausurada naquele convento, sem ao menos sentir os prazeres carnis da vida, um intenso calor tomou conta do meu corpo, e o ódio falou por mim. Esbarrei propositalmente em algumas das velas que acendi e a cortina de seda fez o restante do trabalho. Em poucos minutos, a igreja inteira ardia em chamas. Corri, e como num drama interpretei a mocinha que fugia desesperadamente em prantos, deixando para trás o terço e a Bíblia para também serem consumidos pelo fogo. Corria e chorava muito, mas ninguém sabia que era de pura alegria, pois o convento inteiro estava ferozmente sendo consumido pelas chamas. No entanto, por mero acaso do destino, ou talvez por castigo devido ao meu último ato, tropecei e caí de joelhos num objeto que um dos padres deixou cair na correria, pois todas as freiras e padres tentavam salvar livros e objetos valiosos do convento. Com os joelhos sangrando muito, olhei para o pequeno obstáculo e notei que era um livro: o *Necronomicon*. Procurei, em vão, o padre que o perdera. Peguei o livro e continuei vagarosamente minha caminhada até minha casa.

O plano deu certo, acabei com o único convento da região. Meus pais se esqueceram momentaneamente dos planos para a minha clausura, e agora eu tinha algo muito valioso em mãos: um livro que poderia me fornecer o poder da sedução e muitas riquezas: o *Necronomicon*.

Ao anoitecer, esperei meus pais irem para os seus aposentos. Tranquei a porta do meu quarto e acendi uma única vela. Retirei o espesso tapete do centro e comecei a riscar o chão com a ponta de uma faca banhada em sangue de animal, assim como orientava o livro. Infelizmente, fui obrigada a sacrificar meu único felino. O pentagrama era complexo e passei mais de uma hora riscando o chão, até que o deixei perfeitamente idêntico ao da ilustração. Ajoelhei-me no centro e com o livro em mãos, iniciei a profana oração... Sentia calafrios e arrepios por todo o corpo. O vento soprava furioso em minha janela, deixando-a completamente escancarada. Por um breve momento, tive que parar a oração para fechá-la e continuar o ritual, mas o que irei descrever foge de tudo o que já vi ou ouvi em toda a minha vida. Após fechar a janela e voltar-me para o pentagrama, já não estava só em meu quarto. Uma imensa criatura de aproximadamente três metros, agachada e praticamente imóvel, contemplava o pentagrama. O estranho ser estava nu, e seu corpo, apesar de humanoide, era coberto por pelos semelhantes aos de um bode, assim como suas patas e chifres. Eu não deveria ter saído do centro do pentagrama, pois segundo o próprio livro, perdi completamente a minha proteção. A besta olhou fixamente em meus olhos, e foi neste momento que visualizei o abismo negro do inferno. Vi as almas penitentes ardendo em chamas, assim como inimagináveis e terríveis criaturas. A invocação estava feita. Ele estava ali, Meghalabiel, um dos mestres do inferno, pronto para receber minhas ordens que, sem hesitar, proferi: riquezas e um grande amor. Isto bastava...

Com a respiração roufenha, ele rangeu os dentes como um equino, cruzou os braços um sobre o outro, olhou mais uma vez fixamente para os olhos meus e desapareceu numa névoa, deixando um terrível odor de enxofre. Qualquer garota com a minha idade estaria desesperada com tal cena. Eu, muito pelo contrário, estava feliz. Pela primeira vez em minha amarga e odiosa vida, estava feliz. Cobri o pentagrama com o tapete, coloquei o *Necronomicon* embaixo do travesseiro e deitei-me. Não me lembro se sonhei naquela noite, simplesmente apaguei.

(...)

Acordei. Mas não estava em meu quarto, e sim num luxuoso aposento. À porta, uma senhora estranha com o rosto coberto por um véu negro, segurando uma bandeja de prata, que trazia apetitosas frutas. Provavelmente uma serviçal. Sem fazer perguntas, me alimentei rapidamente, e ainda descalça e de camisola, saí do quarto e caminhei sem destino num imenso corredor repleto de quadros e bustos de estranhos guerreiros de outrora, até que avistei ao longe um homem de cócoras. Estou em um palácio. Sim, ‘estou’ porque escrevo esta carta nesta mesma manhã, e, neste momento, estou trancada em um destes imensos quartos. Consegui sair de casa e me livrar dos meus pais e do confinamento que planejaram para mim no convento. Consegui a tão sonhada riqueza. Mas o amor que me esperava no final do corredor, o homem de cócoras, não era meu amor, muito menos um homem, era Meghalabiel que mais uma vez olhou fixamente em meus olhos, só que desta vez pronunciou palavras terríveis e inumanas: ‘Você será a minha eterna noiva, a noiva imortal de Meghalabiel. Basta segurar minha mão para finalizarmos o rito...’ Corri, corri como nunca fizera antes. E longe da vista da besta, me tranquei neste quarto e escrevo esta carta, pois sinto que o fim está próximo. Ouço seus estrondosos passos. Ele está abrindo as portas dos quartos, um a um, como um furacão. Os passos estão cada vez mais próximos e logo ele me encontrará, mas antes disto, acabarei com a minha vida, me jogarei da janela deste quarto. É muito triste saber, neste terrível momento, que este é o preço a pagar pelo meu sonho...”

(...)

Sei que é difícil de acreditar nesta história. Mas ainda descontente com os fatos descritos na carta, procurei pelos registros de todos os habitantes de Pádua do século XVII. Encontrei o da Sra. Santoriello, e os mesmos confirmaram o seu suicídio no dia 07 de novembro de 1627. Encontrei também um exemplar raro de um jornal da época, comprovando a destruição do principal convento de Pádua, assim como o suicídio da recém-casada Sra. Santoriello. Nada foi mencionado sobre o *Necronomicon* e muito menos sobre a carta. Embora tenha lido algumas poucas linhas deste maldito livro, acredito que não esteja preparado para lê-lo, assim como nenhum outro ser humano está. Decido neste momento que não irei destruí-lo, mas confiná-lo em um local secreto, para que somente eu, e mais ninguém, saiba do seu paradeiro. Talvez um dia eu esteja preparado e quem sabe, desvende todos os seus segredos sem cair na tentação de possuir riquezas, pois prezo muito pela minha alma.

O PASSAGEIRO

Sexta-feira, 13 de julho de 2012. 1h00 da manhã:

Um táxi — fuscão preto — cruza a Avenida Paulista sentido centro da cidade. Todas as luzes do veículo estão apagadas, a única fonte de luz vem da ponta do cigarro do motorista, que, com os olhos semicerrados e mãos grudadas no volante, continua seu trajeto, até alguém dar sinal em frente ao Hotel Indian, na Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, altura do nº 200.

O passageiro, um rapaz negro de aproximadamente trinta e cinco anos, óculos fundo de garrafa, camisa manga longa listrada, calça social cinza, cinto preto e tênis branco esportivo, entra e senta no banco traseiro.

— Boa noite! Me leva para a Estação da Luz, quero dar uns rolê por lá e vê cara nova. Sabe cumé, tô de saco cheio da patroa pegando no meu pé. Quando a gente se conheceu era amorzinho pra cá, amorzinho pra lá. Ela me chamava de “bebê chocolate”, sentava no meu colo e fazia aquele amor gostoso. Agora só me maltrata... Como as coisas mudam, não é? Cê é casado?

O motorista continua o seu trajeto calado, de olhar semicerrado e cigarro no canto esquerdo da boca.

— Ah, beleza, cê num qué fala porque deve passar pelo mesmo que eu, num é? Sabe cumé, tem hora que torra a paciência ouvir reclamação o dia inteiro: *já num falei para limpar os pés antes de entrar em casa? Já falei para não deixar a toalha molhada em cima da cama, seu folgado. Agora é hora da minha novela, vai tomar no... o seu jogo do Corinthians. Vai lavar a louça e só lava os pratos? Os copos e as panelas não fazem parte? Vai lavar logo, seu preguiçoso. Vou me separar de você e arrumar um cara rico e que more lá no Morumbi, tô por aqui desse seu salarinho de merda, seu merda. E se tá a fim de transar, vai escovar os dentes. Parece que mataram um gambá aí dentro. Mas transa rápido porque tô cum sono. E não esquece que amanhã tem que ir buscar a minha mãe na rodoviária. Num tô nem aí que você tá sem dinheiro, vai dá seus pulo. Pô, isso é jeito de uma mulher tratar um homem? Cara, num aguento mais. Véi, na boa, cê num conhece algum terreiro bom pra fazê uma macumba pra essa mulher parar de pegá no pé e virá uma santa? Sabe cumé, tipo uma daquelas macumba que faz lavagem cerebral na pessoa. Cê sabe cumé? Sabe cumé?*

O motorista continua o seu trajeto calado, de olhar semicerrado e cigarro no canto esquerdo da boca.

— Cara, fala comigo. Dá uns conselhos. Cê parece um cara bem vivido... Sabe cumé, motorista de táxi tem bastante vivência nas ruas. Eu já tô quase fazendo uma loucura, pois num sei

mais o que fazê. Me ajuda. Sabe cumé, sou homem mas tenho o coração mole. Já cansei de chorar escondido no banheiro. E cadê esse Deus? Canso de rezar e ele nunca me ajuda. E você, acredita em Deus?

O motorista continua o seu trajeto calado, de olhar semicerrado e cigarro no canto esquerdo da boca.

— Tá certo em não acreditar. Veja em que merda estou? Quem disse que Deus é brasileiro é um viado sem noção. Deus deve vivê nos EUA, sabe cumé, lá eles vive tudo bem, ganha em dólar, comem bacon no café da manhã e tem um monte de feriado para comemorar... Cê gosta de feriado? Cê faz mais corridas em feriado, num é? Acredita que a minha mulher quebrou a minha caneca do Corinthians no último feriado? Só porque eu disse que tava cansado pra lavá roupa. Cara, o que qui tá acontecendo com essas mulher? Elas num quê mais sabê de lavá roupa, fazê comida e nem limpá a casa. Só sabem ficar mandando e mandando. E a sua mulher, manda você fazê as coisa em casa?

O motorista continua o seu trajeto calado, de olhar semicerrado e cigarro no canto esquerdo da boca.

— Tá certo, cê tá trabalhando de madrugada, deve chegar em casa cansadão. Sua mulher deve respeitar você, num é? Num é? Sabe cumé, as veis é muito melhor trabalhá o dia inteiro, cê chega em casa cansadão e vai dormí. A sua mulher deixa você dormi? A minha quando dá na louca fica assistindo Jô Soares e tudo esses programa que passa nas madrugada, Serginho sei lá o quê, uns clip doido, e num me deixa dormí. Véi, na boa, tô cansado pacas dessa vida de merda... Deve se bom ser motorista de táxi, num é? Sabe cumé, ouvi os passageiro, visita lugar diferente, vive passeando e ainda ganha dinheiro. Num é bem assim? Num é?

O motorista continua o seu trajeto calado, de olhar semicerrado e cigarro no canto esquerdo da boca.

— Véi, na boa, olhando bem pra você cê parece aqueles cowboy de filme de faroeste. Cumé o nome mesmo daquele ator...? Clint Restwood... Wood... sei lá, algo assim... Cê parece ele, num é? Já não te falaram que cê parece ele? A sua mulher já disse que cê parece ele? Tenho certeza que algum passageiro já disse que cê parece ele, num é?

O motorista continua o seu trajeto calado, de olhar semicerrado e cigarro no canto esquerdo da boca.

— Ah, cê num deve assisti filme, né? Tá trabalhando a noite inteira, num é? Mas deve passar na sessão da tarde. Cê assiste a sessão da tarde? Passa uns filme repetido, mas é bacana. Sabe cumé, faz a gente passa o tempo e cê esquece da vida e dos problema. A minha mulher assiste a sessão da tarde comigo já faz três meses. Tô desempregado e recebendo o seguro desemprego. As veis, quando sobra um dinheirinho, compro uns chocolate pra ela come cumigo vendo os filme. Sabe cumé, ela é

chata, mas tá cumigo faz treze anos... Véi, na boa, será qui é por isso qui a gente anda brigando tanto? Treze anos... O número treze dá azar, num é? Num é? Cê acredita nessas coisa?

O motorista continua o seu trajeto calado, de olhar semicerrado e cigarro no canto esquerdo da boca.

— Entendi, cê deve ser ateu. Num tem nenhuma cruzinha e nenhuma imagem de santo no seu táxi, num é? Motorista de táxi gosta dessas coisa, num é? Ah, menos você que é ateu. Véi, na boa, é bom ser ateu? Eu disse que num acredito em Deus, mas no fundo acredito. Minha família sempre foi muito religiosa. A minha mãe vivia na igreja e o meu pai cantava lá no coro todos os domingos. Aliás, foi na igreja que conheci a Roberta. E a sua mulher, vai na igreja ou é atéia? Véi, na boa, cê já ouviu falar sobre Charles Darwin? Ele era ateu e não acreditava em Deus, assim como você. Ele dizia que a evolução das espécies era uma prova de que Deus não existia. Muitas pessoas diziam que Charles se converteu e passou a acreditar em Deus, isso pouco antes de morrer, mas segundo a minha esposa que lê e estuda bastante, isso é pura mentira. Não passa de lenda urbana. Cê acredita nisso? Cê acha que ele se converteu ou continuou ateu até morrer? Hein, hein?

O motorista continua o seu trajeto calado, de olhar semicerrado e cigarro no canto esquerdo da boca.

— Véi, na boa, sabe cumé, já pensei em me jogar da ponte de Pinheiros. Dizem que quem se suicida num vai pro céu e fica vagando no nada para sempre. Será que isso é verdade? Hein, hein? Ah, mas cê num acredita em Deus mesmo, num é? Mas cê num acredita nem um pouquinho? Hein, hein?

O motorista dá uma freada brusca, fazendo o passageiro parar no banco da frente. Ele desgruda com dificuldade as mãos do volante, deixando pedaços da sua pele grudadas nele. Logo em seguida segura com uma das suas mãos o passageiro pelo colarinho e escancara seus dentes apodrecidos, deixando seu cigarro cair da boca. Seus olhos enfurecidos revelam que ele realmente deixou de acreditar em Deus já faz muito tempo. Estica o seu braço esquelético e com seus dedos longos e magros abre a porta do veículo e chuta o passageiro para fora. Em seguida sai cantando os pneus enquanto solta um grunhido inumano de sua boca demoníaca: — Arrrgh!

O motorista continua o seu trajeto calado, de olhar semicerrado e sem o cigarro no canto esquerdo da boca. Ouvindo apenas o som dos carros que passam por ele, aliviado, olha para o taxímetro parado desde 1985, data em que virou um morto-vivo.

O passageiro, sentado na calçada, percebe que o motorista retornou e o deixou em frente ao Hotel Indian, na Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, local de onde ele saiu. Raciocinando sobre os fatos, ele conclui e fala para si mesmo:

— Aquele cara entende das coisa. Além de não cobrar pela corrida me trouxe de volta, pois

sabe que amo a minha mulher. E com o dinheiro que economizei, vou comprar um maço de flores para ela. Agora eu tenho a plena certeza que Deus existe. AMOR, O SEU BEBÊ CHOCOLATE VOLTOU.

ALEGORIA DA MALDADE

1350 a.C., dia das Trevas.

Faltava pouco para a batalha começar: os demônios marchavam incessantemente rumo à colina de Zahur. Meu povo, humilde e desprovido de armas, apenas aguardava a chegada daqueles que lhes tirariam a vida e, próximo do nosso altar aos deuses Sol e Lua, sobre uma pedra no alto da colina, eu os observava: de um lado, meu povo; velhos, crianças, jovens e casais. Do outro, marchando com firmeza, a tropa dos demônios em seus robustos e fantasmagóricos cavalos. O farfalhar metálico das armaduras e armas e o tropeio dos cavalos eram irritantes, mas o brilho das espadas refletidas sobre a irmã Lua riscava a noite como grandes pirilampos, fazendo-me lembrar dos tempos de criança, quando corríamos à noite nas colinas de Zarcar em busca destes insetos que brilham... Sim, o tempo passou como um relâmpago. Naquele fatídico dia eu era um homem com três décadas de vida, casado com uma mulher muito especial e pai de sete maravilhosos filhos. A morte caminhava lentamente e nada poderia impedi-la a não ser algo estranho e inesperado que surgia de minhas entranhas; amargo, odioso, perverso e quente. Eu sentia meu sangue ferver nas veias como uma grande torrente, e com punhos fortemente fechados aguardei na entrada da vila a chegada da morte, enquanto meus compatriotas apenas observavam minha estranha fisionomia, semelhante à daqueles que caminhavam para nos destruir. Alguns jovens pareciam ter sido contaminados com a minha febre e ficaram atrás de mim, com punhos fechados e dentes cerrados. O som da morte ficava cada vez mais próximo. Podíamos sentir o chão vibrando no mesmo ritmo das batidas dos nossos corações. Eu permaneci intacto, diferente das minhas veias que freneticamente tentavam saltar do corpo. O chão estremecia cada vez mais. Quantos demônios marchavam em nossa direção? Dois mil? Três mil contra apenas duzentos humildes camponeses desarmados? O que fizemos para os deuses para sofrermos tamanho castigo? O que os meus punhos poderiam fazer contra centenas de demônios poderosos e armados? O som do inferno estava tão próximo, que não podia mais ouvir as lamentações dos velhos nem o choro das crianças e, logo, avistei os primeiros seres da morte vindo em nossa direção; seres truculentos, altos e selvagens. Por um momento que durou uma eternidade, o tempo parou. Eles pararam de marchar. O chão não mais estremecia, mas eu ainda podia ouvir ao longe o soluço das nossas crianças. As batidas do meu coração se intensificaram de tal maneira, que podia senti-las em minha face. Um deles, carregando uma bandeira negra com um símbolo de um deus profano, caminhou em nossa direção, parou e vociferou versos infernais. Quando lhe faltaram palavras, numa cena dantesca, com os olhos vermelhos, arregalados e lacrimejantes, olhou para nós e iniciou um tétrico gargalhar, como se estivesse possuído por uma estranha entidade, pois o som que emitiu foi tão agudo, que estremeceu minha alma. Ele ergueu ainda mais o braço para que, sem exceção, todos visualizassem a tétrica estampa de sua bandeira, quando de trás dele, centenas de amaldiçoadas flechas com pontas de fogo foram arremessadas, atingindo grande parte da população, queimando nossas casas e nossas vidas. Eles gritavam e gargalhavam, algo que só os demônios poderiam fazer nas cenas de morte. Em questão de pouquíssimo tempo, ninguém mais estava atrás de mim; todos mortos, decapitados e desfigurados. Saltei por cima do primeiro demônio, e, com uma força hercúlea, o estrangulei, chamando a atenção de outros dois que vieram rapidamente em minha direção. Peguei a espada do que matei e, quase cego de ódio, desferi golpes ágeis e certos, deixando mais dois corpos ensanguentados no chão. Eles não eram demônios como eu imaginara, pois possuíam nossas mesmas feições, sangravam e tombavam como nós. Formei um círculo de corpos ao meu redor, como uma pequena muralha de carne e ossos. O sangue tingia minhas roupas, contaminava meu paladar com seu gosto adocicado, fazia meus pés escorregarem em poças fétidas. Naquela noite, perdi a conta de quantos mandei para suas moradias, provavelmente nos confins do inferno, mas, chegou um momento em que meus olhos não aguentaram a ardência do fétido e maldito sangue dos

adversários. O peso da espada tornou-se insuportável; não conseguia mais erguê-la. Minhas pernas estremeciam e fraquejavam cada vez mais, até que, ao ver minha amada esposa e filhos mortos, perdi a guerra, pois nada mais fazia sentido para mim. Fui espancado, acorrentado e humilhado, enquanto ouvia a zombaria de soldados covardes.

Fui o único sobrevivente do meu povo, e, após saquearem nossos poucos bens, os demônios me levaram e fui forçado a caminhar por vários dias, sem comer ou beber. Perdia as forças constantemente. Desmaiava e acordava devido à intensa dor de ser esfolado devido ao cavalo que me arrastava pelo terreno arenoso. Eles se divertiam e gargalhavam ao ver a minha lastimosa e degradante situação.

(...)

Após dias de tortura, chegamos ao escuro vilarejo dos maltrapilhos demônios, um lugar terrível onde a carniça era visivelmente espalhada a esmo. Todos os malditos vieram receber os guerreiros com euforia. Fui levado como um grande troféu até o centro do local; um campo aberto onde poderia acomodar todos eles. Enquanto era preparado para ser enforcado, algumas crianças cuspiam e atiravam pedras em mim e, após todos os espasmos de euforia, inevitavelmente, fui enforcado. Mas adianto-lhes que para o céu não fui convidado e do inferno facilmente escapei.

(...)

É com grande pesar que vos escrevo e relato que foi naqueles dias que aprendi o que era a maldade. Meu coração petrificou-se por completo. Meus olhos perderam o brilho. Minha voz ganhou uma tonalidade intensa de rouquidão, enquanto que minha feição tornou-se sombria.

E quanto ao amor? É apenas uma palavra encontrada nos contos de fadas. Hoje sou um espírito errante, caminho incessantemente em busca de algo, sim, algo que me faça entender o porquê dos deuses terem criado essa terrível palavra: *perversidade*.

Essa é minha história, este sou eu: odioso, poderoso e eterno. Posso ser chamado por vários nomes: Diabolus, Belzebú, Baphomet, Lúcifer, Barrabás, Satanás ou mesmo Anjo Caído. Tanto faz. Caminho através dos séculos em busca de vingança. Se um dia cruzar comigo, reze aos seus deuses para que eu enxergue apenas a bondade em seus olhos, pois o fio da minha espada é cruel, vingativo e certo.

AMOR LIBERTO

No alto da colina, um homem. O limpo e azulado céu deixava o grande e amarelado astro rei completamente à mostra. O calor dos raios solares acariciava seu corpo com ternura, dando-lhe uma sombra majestosa que duplicava seu real tamanho. O vento abraçava gentilmente seu corpo esguio. Com o semblante sério, a beleza o abandonara desde a infância. Os longos cabelos emaranhados, castanho muito escuro, não se moviam com facilidade, nem pelos gestos mais bruscos de seu mestre, diferente das ágeis pernas finas e resistentes, sustentadas por pés encardidos e calejados. A barba longa e falha estampava o rosto ossudo e desnutrido, presenteando-o com uma aparência madura, ocultando sua real idade.

Seu olhar penetrante pousa sobre o descampado: ovelhas, velhos, cajados, crianças, cães, soldados, lanças, tendas, vida, pedras, areia, lagartos, pés sujos, mulheres, filhos escanchados no quarto, jovens belas, madeira, fogo, carne, carneiro assado, bocas desdentadas, fome, sede, pouca água, calor, suor, colinas, pássaros, céu, Deus.

— Pai, glorificai meus irmãos e perdoai seus atos, que um dia levarão este mundo ao caos. Dai-me força e sabedoria para levar vossa palavra aos duros corações. Fazei-me persistente, ó Senhor dos senhores... — um soluço interrompe o pedido do jovem por alguns segundos, enquanto seus olhos lacrimejam com veemência, deixando um rastro de lágrimas que clareia e ilumina sua triste face. Ele sente a presença de mais alguém no alto da colina, e as lágrimas lhe embaçam a visão. — Quem és, que chega tão silenciosamente como uma serpente?

— Sou Maria Madalena, senhor. Já te esqueceste de mim? — diz a jovem de olhar cerrado e sorriso malicioso.

— Maria Madalena, sim, és tu! — o jovem de nome Jesus se esforça para absorver as lágrimas com o tecido de grosso linho da gola de suas vestes. Em seguida, seu olhar brilha, e a presença da jovem o faz recordar-se da noite anterior — acompanhados das luzes das estrelas, naquela mesma colina, permaneceram lado a lado. Os pensamentos eram muitos: reflexões, lembranças, desejos e dor. Um homem determinado a salvar o mundo poderia ser seduzido por uma mulher? Pensamento que foi esquecido momentaneamente ao sentir o calor da aproximação e a simples carícia da mulher que exalava o perfume do âmbar e outros óleos essenciais aromáticos. Naquela noite, as estrelas presenciaram o amor entre dois jovens; ela deixando o amor fluir, ele lutando para se levantar e dar as costas à companheira. Os demônios se regozijavam e apostavam que o homem se deixaria possuir. Mas até que ponto seria pecado o amor entre dois jovens apaixonados? Poderia aquele terno amor influenciar sua gloriosa batalha?

Jesus abre os olhos, ela ainda está majestosamente à sua frente. Na noite anterior, ele cedera aos desejos carnis. Os demônios ganharam a aposta ao mesmo tempo em que a perderam, pois do fruto daquele amor, uma vida surgiria no ventre de Maria.

— Maria Madalena, durante alguns dias, precisarei ficar a sós com meu pai. Peço-te por gentileza que avises meus irmãos que estarei ausente durante a quarentena que necessito, e, para garantir que não seja interrompido, estarei num local pouco conhecido do deserto.

Após ouvir Jesus, a jovem repentinamente mudou o semblante, perdendo completamente o seu brilho, mas acatou seu pedido, como sempre. À frente dos apóstolos, era a preferida do jovem Messias.

De temperamento forte, mostrava com clareza, como num livro aberto, quem realmente era. Ora alegre, ora triste, era assim constantemente; mas em qualquer estado de espírito em que se encontrasse era a que mais pronunciava palavras, incontáveis e incontroláveis palavras, muitas sábias, outras perdidas, pois difícil era compreendê-la numa conversa que se estendia por mais da metade de um dia. Esconder a alegria do mestre em ter entre os seus fiéis seguidores tamanha riqueza de simplicidade era impossível; o que gerava olhos desconfiados e até mesmo invejosos

sobre ela.

O ex-coletor de impostos Mateus, em sua terceira noite sem dormir — com os poucos e longos cabelos que lhe restavam desgrenhados acima da nuca, nariz proeminente, olhos estrábicos, pernas arqueadas, estatura mediana e voz rouquenha —, inflara o peito, abrira os braços como se quisesse abraçar o mundo, olhara para o negro céu e suas incontáveis estrelas e vociferara com desdém, de cima de uma pedra próxima a uma grande fogueira para que todos ao redor o notassem:

— *Pode uma mulher “da vida” seguir o mestre sempre à frente de nós, homens? Qual importância têm suas pobres e fracas palavras perante as nossas?*

Um homem se levantara em meio à multidão, que ouvia sentada o nervoso pregador. Um balbuciar se fizera presente, enquanto o vento soprava, furioso, a fogueira, erguendo suas chamas, refletindo sua luz amarelada em duas imponentes figuras — de um lado Mateus, do outro, o jovem mestre Jesus que, sem ainda pronunciar palavra alguma e deixando boquiabertos os presentes, atravessara lentamente e de pés nus o fogo e, chegando ao outro lado da fogueira, próximo ao outro homem, declarou:

Sábias são as palavras pronunciadas pela voz do coração. Lembrai, o céu é apenas para os humildes de espírito, e não para aqueles que tentam ser melhores pela beleza pronunciada nas falsas pregações.

O homem apagara-se perante o Messias, enquanto os outros se calavam ao ouvir as poucas e sábias palavras, pois naquela noite *Ele* preferira o silêncio.

* * *

Na vila, Maria Madalena informa aos seguidores do mestre a sua ausência por quarenta dias e quarenta noites. Alguns não entendem por que o grande Messias se ausentaria; outros apenas ouvem e assentem, pois se esse é o seu desejo, com certeza deve ser acatado.

Do alto da colina, Jesus observa a multidão que se forma em torno de Maria Madalena. Então caminha para o lado oposto à pequena vila, rumo ao deserto. Mas logo no início da jornada encontra um rosto conhecido, muito semelhante ao seu. Era o filho de Simão, Judas Iscariotes. O mestre direciona o rosto gentilmente em sua direção, e recebe como resposta um beijo do *Abençoado*, apelido que ganhara do próprio Messias ao integrar o grupo dos seus seguidores:

— Aonde vais tão solitário, ó irmão querido? — diz Judas, olhando profundamente nos olhos do mestre.

— Não estou só. Meu Pai me acompanha; não vês? — num rápido e eficiente gesto, Jesus aponta para o deserto, para a colina atrás deles e para o glorioso céu.

Ao longe, duas figuras se entreolham, difícil era saber quem era quem, devido à tamanha semelhança entre ambos. Judas pôs a mão esquerda sobre o ombro de Jesus, que retribuiu com a mão direita no ombro do fiel seguidor. Lembranças foram arrancadas das entranhas da Terra. O mestre entra em transe. Embora acostumado com tal cena, Judas se arrepiava. Imagens são arremessadas violentamente na mente de ambos:

Judas: *brincadeiras, Torá, fome, amor, sede, desilusão, perseguição, shiv'á, conhecimento, Sheloshim, tempestade de areia, perseverança, Jesus, deserto...*

Jesus: *Maria, Pedro, centenas de rostos, catástrofe, guerra, mãos entrelaçadas, clamor, oração, lágrimas, sorrisos, morte, vida, Maria Madalena, amor, salvação, guerra, rostos, desespero, morte, vida, mãos entrelaçadas, nascimento, Maria Madalena, perdão, clamor, oração, mãos entrelaçadas, dúvida, deserto...*

Ambos abrem os olhos e, aos poucos, vão se acostumando com o clima desértico da região. Jesus ergue um dos cantos do fino lábio. Judas segura com firmeza o ombro do mestre. Ambos partem, mas para lados opostos. Do alto, duas pequenas figuras se distanciam. O jovem Messias caminha lentamente rumo ao nada, enquanto o apóstolo Judas pensa em voltar correndo para acompanhar o mestre, mas obrigações o aguardavam na vila; deveria ir e seguir o seu caminho, assim como Jesus.

Metade do dia se passara. Jesus continuava rumo ao nada. Urubus ao longe o espreitavam.

Veza ou outra um lagarto acompanhava seus vigorosos e calmos passos sobre o calor escaldante. Nem água, nem comida. Nada levava como provisão. Vozes surgiam: chamados, gritos e gargalhadas. À medida que caminhava, o som das vozes, gradativamente, se intensificava. Para ouvidos humanos, terrível e ensurdecedor, mas para *Ele*, indiferente. Seu único temor era a dúvida de não saber qual caminho seguir futuramente: o amor entre uma mulher ou o amor pelo mundo? Uma vida normal ou uma vida que ecoaria por todo o resto da existência humana? Uma semente se desenvolvia no ventre de Maria Madalena, milhões de outras pelo planeta. *Ele* parou, olhou para o céu e clamou uma resposta do *Pai*. Nada foi respondido. Mais uma vez fez o pedido, mas nenhum sinal como resposta. Errado. Deus estava em silêncio e essa era a resposta. *Ele* deveria continuar caminhando, e assim o fez até o cair da noite.

Em posição de xamã, próximo a uma grande pedra, *Ele* permaneceu. Os olhos se fecharam. Os músculos repousaram. Parecia não respirar, não fosse pelo leve e vagaroso movimento de vaivém do seu abdômen. De início, os pés formigaram, depois não mais os sentiu, assim como as mãos, a nuca e os outros membros do corpo; mas não adormeceu, estava mais acordado que nunca. Os risos e as gargalhadas demoníacas não cessavam, porém algo em meio a este terrível som do inferno lhe chamou a atenção, o murmúrio de lamentação das almas condenadas ao fogo eterno.

— *Pai*, por que essas pessoas foram condenadas ao fogo eterno? Pode alguém errar e pagar pelo seu erro na eternidade?

Mais uma vez Deus preferiu o silêncio, mas uma estranha entidade surgiu de trás da imensa pedra e, com sua poderosa voz de mil almas, respondeu-lhe a pergunta:

— Para que serve esse teu Deus que não responde às tuas dúvidas?

Jesus abriu os olhos, mas permaneceu imóvel, exceto pelos movimentos dos lábios:

— Às vezes, meu *Pai* conversa em silêncio, esta é a Sua maneira para conversar com Seus filhos — Jesus pronunciou tais palavras em tom duvidoso e, por mais que tenha tentado esconder sua dúvida, a estranha e ardilosa entidade desconfiou.

— Ele conversa com Seus filhos? *Se tu és o Filho de Deus, diz a esta pedra que se transforme em pão.*

— *Está escrito que nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra de Deus* — disse Jesus, em tom autoritário.

E assim, o jovem mestre foi tentado das maneiras mais ardilosas e criativas possíveis. A entidade se disfarçara de belas mulheres e até tentou se passar por Maria Madalena, mas o mestre sabia distinguir um humano de um demônio, por melhor que fosse o seu disfarce. Falsos terremotos, fogo e enchentes; nada abalava o homem que permanecia sereno em sua assumida posição. Ele aguardava uma única resposta do *Pai*, aquela que poderia modificar todo o rumo da história da humanidade: ter filhos e permanecer pelo resto da vida ao lado da mulher que amava, ou entregar-se em benefício da salvação da humanidade? Resposta pela qual já aguardava há vinte dias.

A entidade, agora disfarçada de criança, aproximou-se do jovem Messias e lhe ofereceu um pequeno jarro de água e um suculento pedaço de pão. Jesus recusou, algo que outro homem em suas condições jamais recusaria; mas *Ele* era forte, determinado e persistente. Furiosa com a recusa do Messias, a entidade mostrou sua verdadeira fisionomia: alto, forte e possuidor de cabeça e patas de bode. Seu pelo liso e negro refletia a luz do Sol, tentando cegar o jovem a sua frente. Jesus continua inatacável. Então, com a fúria de um leão, a entidade urrou de tal maneira que o duro e seco chão estremeceu, fazendo Jesus levantar-se da posição de xamã. Eles se entreolharam por longos minutos, até que o demônio o transportou — *levando-o a um alto monte, onde mostrou-lhe num momento de tempo todos os reinos do mundo. E disse-lhe: Dar-te-ei a ti todo este poder e a sua glória; porque a mim me foi entregue, e dou-o a quem quero. Portanto, se tu me adorares, tudo será teu. E Jesus, respondendo, disse-lhe: Vai-te para trás de mim, Satanás; porque está escrito: Adorarás o SENHOR teu Deus, e só a Ele servirás. E, acabando o diabo toda a tentação, ausentou-se dele por algum tempo.* Completando os 40 dias de exílio, Jesus recebeu a tão aguardada resposta, algo que ainda não poderá revelar, nem mesmo a Maria Madalena.

Então voltou Jesus para a Galileia, e a sua fama correu por todas as terras em derredor. Agora ele sabia qual caminho deveria seguir...

* * *

Onze anos depois:

Jesus pregou em dezenas de vilas, curou enfermos, salvou centenas de almas e fez muitos amigos, mas o lado oposto se fazia presente e os demônios o espreitavam constantemente, procurando sempre corrompê-lo; algo que jamais aconteceu.

Com o mesmo semblante sério da juventude, a aparência agora revelava sua realidade. Os olhos não apresentavam emoção alguma, mas transbordavam sabedoria. Sempre acompanhado de seus fiéis apóstolos e outros seguidores, agora se fazia presente — além da mulher que lhe acompanhou por mais de uma década — uma criança de onze anos. Os apóstolos estavam bem instruídos, e os seguidores cuidariam da multiplicação dos seus ensinamentos para todas as cidades do mundo. Mas a mulher e o garoto que o acompanhavam faziam questão de sua presença carnal. Apesar do caminho já traçado havia onze anos, a dor ainda se fazia presente e aumentava sempre que olhava nos olhos da fiel mulher que lhe trouxe tanta alegria. Mas o *dia* estava próximo, precisava apressar-se; então, em uma reunião com os apóstolos, selecionou Pedro, João e seu irmão Tiago para orar no monte onde tantas vezes estiveram presentes.

Lá, numa forte corrente e de mãos entrelaçadas, Jesus orou e alertou para a aproximação de sua morte e futura ressurreição. Olhos lacrimejaram e soluços calaram o mestre, que abraçou os amigos, calorosamente. No céu, um estranho objeto oval e resplandecente cobriu o Sol, e dele foi emitida, como um trovão, uma voz que disse:

— *Este é o meu Filho amado, de quem me comprazo, a ele ouvi.* Ao ouvirem tais palavras, os demônios que espreitavam Jesus desapareceram numa fumaça de enxofre. Agora ele poderia descer o monte e esperar pelo momento em que Judas Iscariotes, *O Abençoado*, cumprisse o seu papel; fato que se concretizou três dias depois.

Última Ceia, bebei todos; este é o meu sangue, noite, jardim de Getsêmani, oração, Pedro, Tiago, João, sacerdotes, Judas, jardim, beijo, face, prisão, seguidores, resistência, fuga, corte Judaica, ameaça, destruição, templo, Filho de Deus, rei dos judeus, Pôncio Pilatos, Herodes, Antipas, Barrabás, multidão, condenação, crucificação — trajado de grosso manto rubro, puseram-lhe na cabeça uma coroa de espinhos.

O líquido da vida escorria em sua face, enquanto soldados romanos espancavam-no e cuspiam palavras como os senhores do inferno. Puseram-no de pé. As pernas vigorosas da juventude desta vez fraquejaram. A dor que suportara por quarenta dias e quarenta noites no deserto, hoje se dissipara. Os olhos apresentavam tristeza, enquanto a face desfigurada esforçava-se em revelar quem *Ele* realmente era. Gólgota, local das crucificações, era o seu destino. Levar a pesada cruz por tortuosas ruas era a sua missão. Ele caminhava lentamente, arrastando seu pesado instrumento de suplício, enquanto os pés, o ombro e o resto do seu corpo liberavam o líquido que lhe mudara o tom da pele morena, queimada pelo escaldante sol do deserto. Todos nas ruas O acompanhavam: inimigos, seguidores, apóstolos, sua mãe e sua companheira Maria Madalena, agora acompanhada do jovem Emanuel, fruto do seu amor. Os dentes cerrados deixavam as veias da sua face completamente à mostra. O ombro em que apoiava a pesada madeira mortuária adormecera por completo. As mãos tremiam e o coração acelerava o fluxo do sangue em suas veias, fazendo-o sentir um calor que jamais sentira antes, nem quando recebera as primeiras carícias de Maria Madalena, nem quando caminhara incessantemente por um dia no deserto. O caminho era longo e doloroso; mais doloroso ainda era ver os olhos dos mais próximos acompanhando-o, passo a passo. *Por que o Pai, mestre dos mestres, senhor dos senhores, não deixara o caminho menos doloroso?* — pensamentos que surgiam com dificuldade, quando Gólgota se aproximava. Ali foi pregado eficientemente pelos pulsos, que sustentaram o peso do fraco corpo.

Jesus esforça-se em erguer os olhos para o céu ou para a multidão, mas nenhum sinal. Uma lágrima escorre despercebida da multidão por Sua face. Pela primeira vez, sente o abandono do *Pai*. A respiração fica cada vez mais difícil. Ele olha mais uma vez para a mulher e para o filho, em prantos, em meio a uma mescla de risos, choros, orações e lamentações. A visão das cores negra,

cinza e branca das vestes da fúnebre plateia se torna turva. Os olhos semicerrados perdem o brilho. O forçado vaivém do abdômen cessa. Olhos petrificam-se ao ver que uma fumaça rosada sai da boca inerte do falecido Messias. O vento agilmente cuida da distribuição dessa fumaça com aroma adocicado e diferente. Olhos se entreolham. As batidas dos corações se intensificam. Os perversos soldados se arrependem dos anos de matanças e sofrimentos. Na vida deles, jamais fora sentido um amor tão intenso pelo próximo. Estranhos sons, semelhantes aos das tradicionais trombetas, ecoam em todos os cantos do planeta. A rotação da Terra cessa e o mundo para por segundos.

O amor está liberto, agora basta esperar pela multiplicação dos ensinamentos do mestre, a ser feita pelos seus apóstolos e fiéis seguidores pelos próximos séculos.

* * *

Trinta e quatro anos antes:

Uma jovem de dezesseis anos entra em uma gruta para descansar e se refrescar do intenso calor. O lugar está deserto, exceto pelos morcegos aglomerados num canto escuro do teto. A moça canta uma música da sua recente infância, criando um eco prazeroso, o que faz estampar a alegria em seu rosto. A diversão dura poucos minutos, até que uma intensa luz em tom esbranquiçado surge na entrada da gruta. A jovem Maria, descendente do rei David, filha de Joaquim e Ana, fica paralisada, pois nunca vira nada semelhante em seus poucos anos de vida. A luz caminha lentamente em sua direção, e, aos poucos, um rosto de aparência dócil vai surgindo, assim como mãos que carregam uma caixa de madeira. O homem de cabelos negros e curtos, pele clara e vestes estranhas se aproxima de Maria, que não apresenta outra reação a não ser espanto e admiração pela cena surreal. Ela ergue os finos e delicados dedos e toca o rosto do homem, e o calor que sua pele emite a faz acreditar que aquilo é concretamente real. *Ele não é um anjo, pois não possui asas, mas deve ser de algum lugar distante, pois não conheço ninguém que se vista desta maneira aqui pelas redondezas...* — pensa Maria.

Ele ergue os braços e lhe mostra uma caixa de madeira escura repleta de belos e terríveis ornamentos; em seguida, gentilmente a abre, e o ranger de suas dobradiças indica que não era aberta há muitos anos. Dentro, outras sete caixas também ornadas. Uma delas apresenta a figura terrível de um demônio alado e outras dezenas de pequenas figuras que se assemelham a almas condenadas ao fogo eterno, devido à monstruosidade em suas feições de dor e sofrimento. A seguinte mostra imagens de insetos, e outras, alguns manuscritos indecifráveis. Mas uma delas, a última, do lado esquerdo, traz duas figuras harmoniosas: um homem e uma mulher com as mãos entrelaçadas, o que momentaneamente desperta a jovem, fazendo com que ela retire a caixa cuidadosamente de junto das demais. O homem sorri com a escolha de Maria, fecha a grande caixa, olha para as mãos da jovem e faz sinal de aprovação num simples gesto com a cabeça.

Os delicados e longos dedos da moça abrem a pequena caixa e, para sua surpresa, nada sólido contém, a não ser uma fumaça em tom rosado, que paira sobre seu ventre e que, aos poucos, penetra em seu frágil corpo. Ela tem uma estranha sensação. Seu coração parece explodir de alegria, pois nunca sentira tanto amor em sua curta história de vida. O homem dá meia-volta, caminha satisfeito até a entrada da gruta e depois adentra uma espécie de carruagem oval que desce do céu. Um som ensurdecedor, seguido da poeira que levanta do chão, faz com que as centenas de morcegos entrem em alvoroço. Maria nada mais vê. O silêncio, assim como a poeira, paira lentamente. Ela coloca a pequena caixa no chão, põe as mãos sobre o ventre e o acaricia, mas jamais poderia prever o que aconteceria nove meses depois, nem que ela faria parte da história da humanidade e que seu nome seria conhecido e repetido por milênios nos quatro cantos do mundo.

O OLHO QUE TUDO VÊ

"Que o Olho de Hórus possa tomar a frente do deus e brilhar através de sua boca."
Os Textos das Pirâmides.

22 de outubro de 1998.

18h47. Em primeiro lugar, digo que sei quem você é; seus interesses, suas vontades e os seus segredos mais íntimos... Vejo você, o seu rosto e o seu corpo relaxado. Seus olhos percorrem essas linhas com um certo grau de interesse, mesmo não sabendo quem eu sou. Mas não se esqueça, eu sei quem você é. Não se preocupe, porém — seus segredos não serão revelados, pois ao ler estas linhas, eu já não estarei mais aqui...

(...)

O caos em minha vida iniciou-se exatamente no dia 22 de outubro de 1997, há exatamente um ano; aniversário macabro que comemoro relatando a minha tragédia. Quero que você entenda a minha situação, portanto começarei relatando resumidamente o que aconteceu naquela horrível noite de 22 de outubro.

Moro na zona sul da capital de São Paulo, no bairro de Campo Limpo, próximo ao Taboão da Serra. Sou solteiro, 28 anos, e resido em uma casa alugada com dois cômodos. Sou cobrador de lotação (Pinheiros/Maria Sampaio) e ganho pouco mais de um salário mínimo por mês. Meu patrão, J. Batista, motorista da lotação e também meu vizinho, sempre me anima a continuar e diz que um dia eu estarei ocupando o lugar dele. O salário não dá para muita coisa, mas vale a pena pelo fato de eu aprender cada vez mais lidando com o público, tendo um chefe tão experiente, inteligente, amável e amigo das crianças — sim, J. Batista é o homem mais conhecido pelas crianças do bairro, sempre distribuindo doces, brinquedos e revistinhas, é de dar inveja, principalmente para um rapaz amargo como eu...

Enfim, uma pessoa simples, de poucas posses, mas orgulhoso por possuir uma biblioteca consideravelmente grande com obras clássicas e contemporâneas. A maioria dos meus livros já foram usados, por isso comprados em sebos. Também possuo uma grande coleção de HQs, e confesso que sou fascinado por revistas de ficção científica, mas, a ficção tornou-se realidade, e neste exato momento a dor em meu peito é insuportável, apenas por lembrar que eu era uma pessoa como você; um ser humano normal e simples.

Naquela noite, li pela milésima vez algumas páginas do clássico *Um Estranho Numa Terra Estranha*, de Robert A. Heinlein, até cair no sono. Mas logo em seguida despertei devido a uma intensa luminosidade em tom rosa que invadiu o meu quarto. O rádio-relógio apontava 23h27. Assustado, tentei me levantar da cama, em vão. Sentia o corpo dormente e conseguia mover levemente apenas os olhos e os dedos das mãos e dos pés. A intensa luz de tonalidade rosa parecia tomar forma, e em poucos segundos, surgiu diante de mim uma grande e gelatinosa esfera. Apesar de parecer um pesadelo, eu sabia que era real, mas o pior aconteceu quando ela começou a pulsar intensamente, parecendo um ser orgânico com vida própria e pronta para explodir. Uma pequena fenda se abriu na parte inferior da coisa, e como uma mãe que dá a luz à um filho, expeliu um estranho, magro e acinzentado ser, e, em questão de mais alguns segundos, expeliu mais dois idênticos ao primeiro, diferenciados apenas nos instrumentos que cada um carregava em suas mãos largas e inumanas. Eram seres adultos, de braços largos que ultrapassavam a linha do joelho. As pernas longas e magras deveriam ter um diâmetro de quinze centímetros, enquanto que as cabeças, devido ao imenso tamanho, eram completamente desproporcionais ao corpo. Seus grandes olhos

negros vitrificados relatavam um alto grau de inteligência e perversidade

O trio ficou ao redor da cama e vagorosamente um se aproximou e colocou próximo dos meus olhos um cilindro de vidro em forma de cone. Dentro do objeto fazia morada um olho aparentemente não-humano, dançando uma demoníaca valsa num líquido incolor. Aqueles segundos duraram uma eternidade. O olho flutuava no líquido, e a todo instante parecia contemplar a minha lastimosa feição de temor, enquanto os outros dois seres lentamente se aproximaram. Um deles jogou vários objetos metálicos em meu ventre, e selecionando uma estranha ferramenta, semelhante a uma grande pinça, introduziu suas extremidades nas pálpebras do meu olho esquerdo, deixando-o demasiadamente aberto. Logo depois, com um tipo de bisturi e alguns tubos, iniciou-se o interminável pesadelo. Eu não sentia dor, estava anestesiado e sabia que a intensa luz rosada daquela estranha esfera é que produzia tal efeito.

Neste exato momento sei que você imagina o temor que senti naquela noite. Sim, com muita facilidade e prática, eles retiraram meu olho esquerdo, e sem compreender o que pretendiam, logo em seguida retiraram o outro olho que estava dentro do cilindro e imediatamente começaram a introduzi-lo no orifício vazio da minha cavidade óssea. Apaguei.

(...)

8h35. 23 de outubro de 1997. Acordei. Olhei ao redor, em meu quarto e verifiquei que tudo permanecia como antes: todos os objetos em seus devidos lugares — exceto pela obra de Robert A. Heinlein, que não encontrei na cabeceira da cama. Lembrei-me do ocorrido da noite anterior, mas, não querendo acreditar no que acontecera, fingi que tudo estava normal. Todavia, a leve e incômoda dor que eu sentia no olho esquerdo me dizia o contrário. Aos tropeços, corri até o espelho do banheiro — e a visão que tive do meu reflexo foi a pior dentre todos os pesadelos que já tive: minhas pálpebras estavam deformadas e meu globo ocular esquerdo aparentemente mais volumoso que o direito, e o diâmetro da pupila consideravelmente maior. O olho era semelhante aos olhos dos seres estranhos. Sim, era o olho que estava dentro do cilindro. Não era um pesadelo. Eu estava ali, acordado e olhando-me no espelho. O suor escorria pela minha sardenta, ossuda e triste face. Minhas mãos e pernas estavam trêmulas. Definitivamente, não era um pesadelo.

(...)

Sete dias se passaram. A dor no olho esquerdo cessou, mas a deformidade permaneceu intacta. Fazia uma semana que eu não dormia e nem ia ao trabalho. Eu precisava sair de casa para comprar mantimentos. Precisa sentir a brisa da vida contra o meu rosto, mas de maneira alguma poderia sair com o estranho olho à mostra. Depois que quebrei metade dos objetos de minha casa, tomei coragem e coloquei um par de óculos escuro e, como de costume, saí de casa pronto para cumprimentar meus vizinhos, como se nada de anormal tivesse acontecido.

Cumprimentei acanhadamente o primeiro, pois era J. Batista, motorista e patrão da lotação em que trabalho. Ele lavava tranquilamente em sua garagem o seu xodó, um Maverick sedan 6 cilindros, vermelho cádmium, ano 1974. Amigo e vizinho de longa data, trabalhador, casado, pai de três filhos e amigo das crianças do bairro, como já disse anteriormente, mas, por mais que eu não quisesse, algo de terrível acontecia... O meu olho esquerdo começou a revelar, em rápidos *flashes*, a vida daquele homem: eu enxergava muitas crianças, sorrisos, lágrimas, brinquedos e fotos... Vi J. Batista com uma feição demoníaca, bem diferente do que ele aparentava ser. Eu não saberia dizer até que ponto ele poderia chegar, mas de alguma maneira eu sabia que a intenção dele com as crianças não era boa.

Corri até a sua casa. Atônito, o homem, ainda com a mangueira esguichando água, apenas me olhava, talvez tentando imaginar por que eu não compareci ao trabalho por tantos dias. Entrei na sua garagem, ele sorriu e com toda a minha força eu o empurrei sobre o capô do carro. Nesse momento, pude mais uma vez visualizar a sua estranha feição; os seus olhos apresentavam um

brilho de incógnitas. Continuei caminhando para dentro da casa, mas, ao ver sua esposa e filhos na janela, assustados com a cena, meu olho esquerdo revelou no sentido inverso: o futuro; vi a mulher internada num hospício, J. Batista preso, e, infelizmente, seus filhos largados tornarem-se pedintes. Em pé e parado no meio do jardim, um calor intenso possuiu o meu corpo. Refleti por longos segundos, então resolvi que o melhor caminho era continuar... Continuar caminhando para dentro da casa.

Entrei e fui direto ao pequeno escritório. A esposa e os filhos de J. Batista não acreditavam no que eu fazia; jogava todas as pastas, abria todos os fichários e derrubava todas as caixas que encontrava pelo caminho. J. Batista chegou ao escritório, os filhos choravam, a mulher resmungava blasfêmias, e eu, enfurecido, continuava em minha insana busca — até que encontrei o envelope dentro de uma pasta num fundo falso da gaveta da escrivaninha: eram fotos mais do que comprometedoras...

Acionei a polícia, que tomou conta do caso e, depois de toda a confusão, saí cabisbaixo do local, sentindo uma imensa e arrebatadora tristeza. Mas sabia antes do início da busca, quando parei para refletir, que aquele ato seria o mais correto: achar as provas e denunciá-lo a polícia.

(...)

Em busca de mais explicações sobre o que acontecera ao meu olho esquerdo, pesquisei livros antigos e descobri uma história originária do antigo Egito referente ao deus Hórus, que teve o olho esquerdo arrancado pelo deus Seth. O olho foi substituído por um amuleto chamado “O Olho de Rá”, capaz de revelar o passado, prever o futuro.

Lenda ou não, tenho algo semelhante implantado em meu semblante. Pensamentos invadiam minha mente: seria uma maldição dos antigos faraós? Os alienígenas registram tudo o que acontece comigo e que está ao meu redor através deste olho? Seria uma tecnologia vinda do futuro?

O fato é que, naquele mesmo dia da lamentável confusão com J. Batista, indo até ao supermercado para comprar mantimentos, cruzei com vários pedestres, alguns conhecidos, outros não, mas todos tiveram seus segredos revelados. No supermercado, pude descobrir a vida do açougueiro que traía sua esposa com a do seu patrão, dono do estabelecimento. Minha vida virou uma desgraça, pois não sinto mais a liberdade de antes, todos os segredos do passado, presente e futuro me são revelados e de nada adianta tentar esconder o maldito olho, pois mesmo sem o visualizar, ele continua com suas revelações. Mas o pior veio quando percebi um gradativo e perverso progresso: o olho revelava os segredos dos antepassados de todos os seres humanos dos quais eu cruzava, e dias depois, bastava apenas estar em um local, sem a presença de nenhum ser vivente, para saber o que aconteceu ou aconteceria ali: assassinatos, roubos, traições e muita maldade... Eu não aguentava mais.

Há um mês, tentei retirar o olho com, mas me faltou coragem; antes de tentar tal ato, eu já sabia que não o faria e desde então passei a me alimentar com pouca frequência. A tristeza tomou conta do meu corpo e nem os livros de ficção científica ou minhas queridas Hqs lia mais. A solidão era eterna. Nada mais era segredo, então perdi a vontade de esperar o amanhã, pois já sabia como ele seria, até o fim da minha vida. Eu poderia ser um herói, denunciar os mais perversos vilões, descobrir os mais inteligentes *serial killers*, mas tudo tem o seu preço e eu já sabia que não aguentaria tanta pressão.

(...)

Revelação: você chegou até aqui e é merecedor desta revelação. Hoje sei que apesar de apresentar traços orgânicos, o olho não é biológico, mas sim uma avançada maldição robotizada de um mundo distante do nosso sistema solar, e que registra tanto o passado, como o presente e o futuro de toda a história da humanidade para as modernas bibliotecas dos seus criadores. E referente ao sumiço da obra *Um Estranho Numa Terra Estranha*, de Robert A. Heinlein, sim, eles, os alienígenas a levaram como *souvenir* para as suas coleções interplanetárias...

(...)

11 de novembro de 1998. Vejo os seus olhos percorrendo estas linhas, mesmo sem acreditar se toda esta história é verdadeira ou não, mas, como sei que você está no futuro, antecipo-me em dizer que esta é a data do meu falecimento decorrente da depressão avançada seguida de severa desnutrição. Neste momento estou em paz.

CASSANDRA CORBU

Sul da França. Aldeia de Rennes-le-Château, em algum dia de Outono do ano de 947 d.C.

Desde criança, eu enxergava coisas que os outros não enxergavam... O que eu via? Pessoas... mas não pessoas normais de carne e osso; enxergava espectros...

Tudo começou quando eu tinha apenas 14 anos de idade, quando arrumei meu primeiro namorado; David Uriel — este era o seu nome. Nas tardes de Outono, costumávamos passear de nossas casas até os portões de uma antiga abadia. O caminho era curto, mas a prosa era longa. Não saberia dizer de onde desencadeávamos tantos assuntos. Sentia-me bem ao seu lado... sua expressão era sempre sorridente; seu espírito tinha uma força benevolente e sua fala era talhada de sabedoria e cordialidade. As minhas perguntas eram sempre supridas com elucidativas respostas, porém, em uma tarde como todas as outras, não o encontrei ao pôr-do-sol, no lugar onde sempre costumávamos nos encontrar; no final do grande jardim de Peônias de minha casa. Esperei por uma eternidade; uma longa eternidade... O desespero tomou conta do meu ser de tal maneira, que não mais enxergava os mesmos de minha espécie. Passei a vaguear com meus amigos invisíveis, mas a falta de David era grande, e, o que parecia uma simples tarde de outono, se tornou em uma terrível e diabólica armação do destino, talvez proposital, pois se não fosse por tal acontecimento, jamais saberia que seria capaz de tal feito, pois nesta insana e desesperada busca, visualizei David com outra atrás da nossa costureira abadia, onde dizem ser assombrada pelos demônios. Quando notei tal cena, ouvi os gritos dos espectros que me acompanhavam; estavam aparentemente assustados e giravam descontroladamente em círculos ao meu redor. Senti um fervor correr em minhas veias e, pela primeira vez, entrei em transe e visualizei imagens de mundos paralelos; vi seres indescritíveis e descomunais em tamanho; vi mundos habitados longe do nosso sistema solar — algo que só foi descoberto pelos estudiosos em um futuro muito distante —; vi o céu e os seus anjos salvadores, mas também vi o inferno e a sua legião de demônios alados, e, estranhamente, notei que todos - sem exceções —, estavam dentro de um gigantesco útero; o útero vivo de uma grande mãe, de um ser descomunal; de uma Deusa; de uma mãe progenitora. Aquele momento pareceu durar uma eternidade, mas quando voltei a enxergar o meu plano terrestre, notei que aquele que me jurou amor, estava na mesma e traidora posição. Meu vasto ódio desencadeou um poder de destruição, gerando a morte de toda a vegetação dos quais meus olhos poderiam alcançar. Aquele tedioso crepúsculo logo se tornou em trevas, bolas de fogo caíram do céu como pequenos cometas, e, ao se aproximarem, percebi que eram estranhos e antigos espectros em suas reluzentes armaduras adentrados em grandes e equipadas carruagens de fogo puxadas por robustos e fantasmagóricos cavalos, que, ao chegarem ao solo, saltavam de suas carruagens iniciando uma desritimada e frenética dança que, talvez em outrora, fosse um ritual para o início de uma grande batalha; enquanto que um som de tamborins - imperceptível para os ouvidos humanos —, acompanhava paralelamente aquele estranho ritual. Os trovões se mostravam impetuosos, anunciando uma grande tempestade, e, naquela noite, o *caos* tomou conta da pequena e pacata aldeia de Rennes-le-Château. Todos os moradores da pequena aldeia corriam, e eu continuei imóvel; molhada de tal maneira, que não se percebia se estava vestida ou simplesmente, nua. Visualizei o abade François fazendo o sinal da cruz desenfreadamente em uma das torres da antiga abadia, a qual ele mesmo intitulou de Torre Magdala. Uma matilha de cães entrou em alvoroço; corriam, escorregavam e rolavam na lama juntamente dos transeuntes que procuravam desesperadamente por um abrigo. David tentou proteger a jovem garota com sua capa, mas a força da chuva era tão aterradora, que nem as telhas conseguiam proteger suas casas.

David me viu; na chuva e imóvel. Seus grandes olhos negros penetraram os meus. A garota

nada entendia, apenas puxava o assustado garoto para dentro da abadia, como se isso fosse salvá-lo da traição. Naquele momento, senti meu espírito saindo do meu corpo e do alto, notei aquelas moradias pálidas e aqueles vultos correndo em lamacentas ruas de um lado para o outro e, também pude me notar, lá embaixo, no meio daquele nefasto *caos*, dentro de um grande círculo de fogo, encharcada, estática, traída... percebi que o que acontecia, era algo vindo do meu interior; eu tinha desencadeado uma força que ainda não conhecia, então, notei que não era como David e sua nova garota, nem como minha mãe, meus irmãos, o abade François ou minhas amigas... eu era diferente... diferente de todos eles; diferente de todos daquela maldita aldeia... quem sabe diferente de todos deste mundo...

Dez anos se passaram, era uma mulher feita, com 24 anos de idade, cabelos longos, corpo de guerreira, olhar sério; penetrante e carregado de mistérios. Elucidativamente, tinha entendido quem realmente era — Diana; Maria Madalena; Melusina; Perséfone; Afrodite; Hera; Astartéia; Hebe; Amaltéia; Ártemis; Íris; todas as sete Míades e Éris, a deusa da Discórdia —, todas se manifestavam como uma grande torrente nesta pequena e jovem matéria chamada Cassandra Corbu. Meus pés costumeiramente nus mantinham contato direto com a mãe terra e todos os seus filhos e seres mágicos. As dualidades entre as minhas manifestações eram irracionais, mas de uma coisa eu tinha certeza, muitas aventuras me aguardavam nesta incrível terra cheia de mistérios e povos ainda desconhecidos.

Essa foi uma das histórias da minha vida e o que virá pela frente, serão outras histórias e, se um dia você se deparar com uma mulher com o perfil que descrevi, não se esqueça, ela poderá se chamar Cassandra Corbu.

METAMORFOSE

Sentado, olho para o recorte de uma revista científica pregado na parede junto a centenas de outros recortes de jornais, anotações, cálculos, fotos de animais ainda não catalogados, lembretes, boletos de contas pendentes e listas de compras antigas de supermercado. Stephen Hawking, um dos físicos teóricos mais consagrados do mundo, está bem no centro desta papelada. Em sua cadeira de rodas motorizada, a cabeça inclinada para o lado direito, estampa no rosto um sorriso sarcástico, parecendo tentar revelar como somos limitados... Somos? Eu não. Acredito em uma das suas principais teorias, afinal, por que estaríamos sozinhos na imensidão do universo? Quantos milhões de planetas habitados neste exato momento estariam com suas funções rotineiras como as nossas?

Apago as luzes e meu laboratório mergulha na escuridão, exceto pelas luzes de néon da boate ao lado que ilumina meu pequeno recinto a intervalos de cinco segundos. Nestes momentos, visualizo sobre a bancada o brilho no vidro das dezenas de tubos de ensaio com seus líquidos coloridos e viscosos. Ouço alguns rapazes brigando na rua por causa de algumas prostitutas. Na discussão, ouço alguém dizendo que teve o seu *baseado* roubado. Vidro de garrafas se quebrando. Som de tiros. Gritos. Como nossa mente é limitada... Nossa mente? Sinto o chão estremecer aos poucos e, antes que a tremedeira se intensifique, corro para segurar dois dos tubos de ensaio; meus últimos experimentos. É sempre assim, a cada quinze minutos, quando o metrô passa a oitenta e dois metros daqui. Volto para a cadeira. Às vezes, a luz de néon no tom roxo-alaranjado da boate reflete em meu laboratório com atraso de dois segundos, diferente da vermelha que se destaca pela pontualidade, mas geralmente ambas trabalham em sintonia, como o que está para acontecer dentro de quarenta e cinco minutos, hoje talvez quarenta e nove, pois quando me alimento durante o dia com vegetais e legumes, a metamorfose sofre um atraso de quatro minutos. Melancolia. Fúria. Desejo de suicídio. Isso ocorre há dezoito anos, dois meses e quatorze dias.

O início:

Férias, 18 de janeiro de 1991, quando visitei uma cidadezinha do interior do estado de Minas Gerais, intitulada Ponto Chic. Com suas ruas lamacentas e pouca iluminação, neste dia o suor e o calor humano reinavam sobre a cidade. Jovens dançavam e sapateavam freneticamente. Respingos de lama esvoaçavam para todos os lados. Os anciãos observavam sentados com suas bocas desgrenhadas. Os pés embaixo das mesas acompanhavam o ritmo da música. O sanfoneiro, com suas pernas arqueadas, apoiava o instrumento musical na proeminente barriga, enquanto sua euforia contagiava duas dançarinas profissionais, ou quase, pois de vez em quando ambas erravam no passo. Mas o que mais despertou minha atenção nesta festa, não foi esta agitação, disto já estava farto, foi um casal distante dos dançarinos. Assim como eu, eles apenas observavam. Parecia uma cena surreal, pois não combinavam com o clima, muito menos com os habitantes do local. Suas vestes eram diferentes, embora discretas, e num tom negro que se misturava com o negrume da noite. Seus olhares vitrificados me causaram arrepião ao mesmo tempo que despertaram ainda mais minha atenção. Eles já sabiam que eu também os observava. A mulher, uma oriental de queixo rombudo e cabelos longos estirados, parecia inquieta. Conversou algo com seu companheiro e sumiu atrás de algumas árvores. Ele era bem apessoado, alto, cútis amarelada, olhos levemente puxados e cabelos negros escorridos que iam até um pouco abaixo dos ombros. Me encarou mais uma vez, mas agora com um sorriso demoníaco nos finos lábios. Eu sabia que eles tramavam algo, mas ainda não sabia o quê. A aglomeração de pessoas na festa fez com que meus olhos vacilassem. Ele desapareceu.

Como a maioria dos jovens de dezoito anos, eu era muito curioso e louco por uma aventura. Não poderia perder a oportunidade de procurá-los para saber o que tanto planejavam. Fiquei próximo às árvores onde estavam. A mata era densa e, além da inconveniência das folhas molhadas, meus pés se atolavam em lama. Percorri alguns metros, mas ainda ouvia nitidamente a canção do

sanfoneiro. Não me perderia facilmente. Caminhei um pouco mais e, ao mesmo tempo em que os procurava, pensamentos invadiam minha mente: *o que duas pessoas bem vestidas e provavelmente da cidade grande, fariam naquele lugar; no meio da lama e naquela hora da noite?* Esses pensamentos despertavam ainda mais a minha curiosidade. Precisava de respostas. Minhas mãos estavam suadas e trêmulas. Sentia um frio constante percorrer as entranhas do meu corpo. O coração parecia explodir no peito. Minha pressão arterial se intensificava de tal maneira, que minha audição não conseguia mais identificar os batimentos cardíacos mesclados aos sons da mata com os da festa. Este sempre foi um grande problema. A ansiedade ainda me causa todas essas sensações. Mas não são elas o mote do nosso diálogo, e sim o que aconteceu segundos - que mais pareciam horas - depois: apesar da escuridão, consegui visualizar alguma movimentação nuns arbustos próximos. Alguma coisa estava ali. Podia sentir a sua presença. Quando tentei me aproximar, um grunhido abafado de dor revelou que não era um humano, mas um animal. Fiquei estático. Estava desarmado e naquela densa lama, mal poderia correr. Tentei caminhar de costas, sem fazer ruído. Mas o vento estava contra mim e o animal que estava atrás do arbusto, percebeu minha presença provavelmente através do seu apurado faro e, como eu, tentou fazer silêncio, pelo menos naquele momento. O que deveras me surpreendeu, era que o animal não estava só, outro estava ao seu lado, e só percebi quando seus olhos perolados e vitrificados me fitaram através do reflexo da luz da lua. Embora eu não conseguisse identificar se eram lobos ou cães, pude notar que estavam furiosos. Lentamente, como se estudassem o espaço ao redor e cada um dos meus movimentos, eles vieram em minha direção. Tentei acelerar o passo cautelosamente. Eles também. Então foi neste momento que me virei e comecei a correr descontroladamente. Sentia o peso de chumbo nos pés, pois a lama dificultava meus passos nervosos. As feras estavam cada vez mais próximas. Mais próximas.

O maior deles passou velozmente direto por mim e rumou em direção à festa. O menor ficou ao meu lado e com um simples gesto de sua pata em minhas pernas, derrubou-me na lama. Fiquei imóvel. Ele se aproximou de tal maneira que seu hálito fétido, além de cortar meu ar, revelou seu gosto por carne. O calor do seu corpo aquecia o meu. Seus olhos aquosos revelavam anormalidade. Parecia um lobo mal-formado, apesar de revelar traços de uma fêmea. Nenhum animal catalogado no mundo tinha esta horrenda aparência, e, se eu fosse menos cético, talvez acreditaria que o ser tinha acabado de sair dos confins do inferno e, acredite, a besta apenas cheirou as feridas que causou com suas garras em minhas pernas, como se quisesse se certificar disto e, como um relâmpago, saltou por cima de meu corpo e rumou para o único feixe de luz que quebrava as trevas. Com as pernas feridas e com muito esforço, consegui me levantar daquele túmulo de lama. Eu sabia que talvez seria tarde, mas precisava caminhar e tentar avisar alguém que as duas feras estavam à solta. Como um zumbi, me arrastei. A ansiedade mais uma vez me dominava e, aos poucos, fui alcançando o local da festa, mas, o que me aguardava não eram os jovens festeiros, nem as dançarinas, nem os anciãos sentados com suas bocas desgrenhadas, muito menos o velho sanfoneiro, mas pilhas de corpos dilacerados que incrivelmente ainda se contorciam em seu próprio sangue, enquanto vozes clamavam pela própria morte. Nas extremidades da rua, os dois demônios me fitavam como duas estátuas talhadas em bronze, e, por mais incrível que pareça, não me atacaram, mas se revelaram através de uivos e contorcionismos macabros: as bestas eram os dois orientais. Estavam nus, e pude notar estranhas inscrições tatuadas em seus corpos. Tímidos com a nudez, se embrenharam no meio da mata até desaparecerem por completo.

O chão mais uma vez estremece, mas desta vez não corro até a bancada para segurar os tubos de ensaio. Deixo que caiam. Perco dias de experiências, mas tanto faz. Esqueço as contas pendentes, lembretes, animais não catalogados, listas de compras, Stephen Hawking e sua teoria, e olho para um outro canto da parede que revela de cinco em cinco segundos dezenas de troféus, certificados e diplomas, destacando o da grande moldura dourada: Dr. Christian Fritz - Cientista Molecular.

Uma nova discussão surge na rua, mesclando-se ao cheiro rotineiro da podridão que exala as noites deste lugar nauseante. Sinto que minhas mandíbulas se partirão ao meio. Meu sangue ferve

nas veias. Os músculos doem ao mesmo tempo em que se enrijecem. A dor é insuportável. Esta é a herança que carrego desde 1991, quando aquele maldito ser feriu minhas pernas. Levanto da cadeira e caminho até a janela do laboratório. Vejo pelo reflexo do vidro um monstro terrível; um lobo mal-formado, um demônio que através de experiências conseguiu atingir o equilíbrio da mente e pelo menos mantê-la sã mesmo depois da metamorfose completada. Nestes dezoito anos foi o meu único progresso: conseguir manter a consciência dos meus atos. Tento erguer o vidro com delicadeza, mas não consigo. Quebro a janela em mil pedaços com um único golpe. Subo em seu parapeito e fico imóvel como uma gárgula. Visualizo o centro da cidade de São Paulo. Milhares de luzes mescladas à garoa tentam golpear a minha visão enquanto gritos, discussões e tiros surram os meus ouvidos.

Mas esta noite eu irei calá-los, pelo menos esta noite deixarei o monstro falar por mim.

A VELHA CANÇÃO DO MARINHEIRO DO FUTURO

Ano 2457 d.C. Diário de Charles Augustus Choir:

Aquele maluco tinha que escolher justamente o nosso contratorpedeiro para esse maldito experimento? O pior é que ele saiu ileso, mas nós, catorze marinheiros, nos tornamos prisioneiros do tempo: passado e futuro... Infelizmente, não posso incluir o presente, pois não sei mais o que ele significa... Onde está a droga do meu maço de cigarros?

72 horas:

Tudo começou quando Albert Einstein foi trabalhar em nosso Destroier USS Eldridge, no ano de 1943, no tempo em que eu ainda era um simples marinheiro... Bem, ainda sou, mas diferente: magro, porém possuidor de braços musculosos. Um metro e setenta e dois, louro, calvo, olhos azuis e atentos. Sou esposo de Clarice M. Choir, uma garota religiosa de dezenove anos. Pai de uma linda garotinha de seis meses chamada Anne Frank M. Choir. Até então, uma vida normal, mas o que você não sabe é que o maluco criou algo relacionado com a interação entre as forças que compõem a radiação eletromagnética e a gravidade, tornando, em alguns segundos, no exato dia 28 de outubro de 1943, às 11h32, o nosso destroier invisível. O experimento, infelizmente, teve uma reação inesperada, e os mais afetados, por algum motivo que desconheço, foram os tripulantes que estavam no lado leste do convés. Eu fui um dos atingidos e viajo permanentemente, de tempos em tempos, para o passado ou futuro, mais precisamente a cada setenta e duas horas.

64 horas:

Retorno para este pequeno e velho diário, a única coisa que trouxe em meu bolso; presente de minha amada Clarice do nosso aniversário de dois anos de casados (1942), para relatar um acontecido: estranhamente, hoje conheci uma garota muito parecida com Clarice, só que ela estava um pouco diferente; sem as orelhas. Aliás, todos deste maldito ano de 2457, não possuem orelhas. Uma nova moda prolifera por essas terras. Li em um *outdoor* flutuante:

VISUAL CLEAN

Retire as suas orelhas no *Visual Clean* em apenas duas sexagésimas partes de uma hora. Realce o seu visual e seja como os grandes artistas do *Cinematógrafo Virtual*

Algo assustador, mas procurei observar outros detalhes de Clarice e me esqueci completamente da anormalidade. Seus cabelos lisos e verdes refletiam todo o degradante cenário ao seu redor como um espelho maleável. O olhar espontâneo, o corpo magro e a face pálida faziam analogia à obra *Moça com brinco de pérola* do mestre holandês Johannes Vermeer.. Mas a loucura durou pouco, pois sabia que Clarice deveria ter falecido há cerca de quatrocentos anos ou mais. Talvez, quem sabe, aquela garota fosse a bisneta de nossa tataraneta — algo assim, não sou bom em fazer cálculos —, pois era idêntica à minha amada. Mas temo muito por minha alma, pois acredito que pequei: tive relações sexuais com MH007541YHNEUA (mulher heterossexual nº 007541 do setor YH dos novos Estados Unidos da América). Este é o nome da garota. Pois, se

MH007541YHNEUA tem alguma consanguinidade conosco (eu e Clarice), estaríamos praticando incesto?

52 horas:

Foram doze horas perturbadoras. DOZE: acho que traí a mim mesmo. Procurei por cigarros, mas esqueci que foram proibidos mundialmente no ano de 2047. Procurei fazer algo para me distrair e esquecer do ato de selvageria que acabara de cometer, o incesto. Não encontrei nada para fazer neste maldito ano de 2457, a não ser procurar novamente MH007541YHNEUA, coisa que não faria, pois não cometeria o mesmo erro duas vezes. Caminhei pelas futurísticas ruas iluminadas por globos flutuantes de néon como um extraterrestre, pois todos notavam as minhas orelhas grudadas em minha cabeça. Alguns riam, outros passavam distante. O preconceito com o diferente nunca muda, jamais mudará. Caminhando cabisbaixo, tentando esconder as orelhas com a gola da minha antiquada camisa de listras azuis, notei um museu virtual na Rua da Revolução Mundial das Mulheres de 2123. Sem pensar duas vezes, entrei no local e pude rever alguns livros da minha época, sendo um deles, o mais conhecido entre todos, pelo menos até o ano de 2018, quando todas as Bíblias foram queimadas em praça pública, pois um certo presidente de uma superpotência mundial, revelou em canal aberto que este livro, em sua tradução inicial, tinha sido alterado por uma seita milenar, na época, recentemente descoberta. É claro que não acreditei, mas tive que queimar a minha, pois pagaria com o preço da minha vida na câmara de gás aspirando Zyklon B (ácido cianídrico), se encontrassem uma comigo.

Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento (Mateus 3:8)

Bom, na rápida busca que fiz sobre Adão e Eva no *GooScience* do Museu Virtual, pude reler virtualmente Gênesis 3:20:

“E chamou Adão o nome de sua mulher Eva; porquanto era a mãe de todos os viventes.”

Reflexão: se Adão e Eva são os pais de todos os viventes, todos nós não estaríamos praticando o incesto? Isto deveras me aliviou, pois se todos erram desde o início dos tempos, não seria eu o errado da história.

Procuro por cigarros... Novamente esqueci que foram proibidos. Malditos, por que não proibiram coisas piores, como políticos corruptos?

Ainda no Museu Virtual, pude ler algumas notícias antigas:

NOTÍCIAS DO MUNDO (ano: 2019)

Brasil tem Floresta Amazônica demarcada: “A Floresta Amazônica, com seus 3,6 milhões de quilômetros quadrados, agora é de domínio mundial”, diz porta-voz de uma superpotência mundial e sócio de fábrica de móveis.

Ressalva: a Floresta Amazônica é de domínio mundial, menos do Brasil.

38 horas:

Deveria estar acostumado, mas não estou. Vomito a cada cinco minutos: a constante mudança de clima e alimentação me torna depressivo, pálido e doente. Acabei de ingerir um coquetel de cápsulas de retinol, ácido ascórbico, calciferol, tocoferol e piridoxina. Diferente de outras épocas, aqui o dinheiro não tem valor, pois não existe. Todos trabalham em prol da manutenção Bio Celular. Todos são terrivelmente iguais: sem orelhas, magros e pálidos. Parece que

todos sofrem de anorexia.

P.S.: e todos possuem os mesmos gostos horríveis.

É estranho, ao escrever essas linhas, noto que eu também sou preconceituoso com o diferente: sou um miserável marinheiro prisioneiro do tempo preconceituoso. E sem cigarros.

32 horas:

Cansado, encosto na parede dum beco *limpo* da cidade. Apesar do degradante cenário de monstruosos prédios, *outdoors* inteligentes e holofotes de néon flutuantes, mesclados num tom exagerado de cinza, preto e gelo, aqui tudo é limpo, fazendo-me lembrar dos hospitais da minha época: quando criança, adorava ficar doente, só para ficar internado num hospital. Adoro cheiro de hospital. Tudo é tão branco, tão limpo, aquele silêncio tão gostoso...

Adormeço em posição fetal. Sonho que estou num hospital, e isso é muito agradável.

19 horas:

Acordo. Automaticamente apalpo os bolsos da calça. Lembro que os cigarros foram EXTERMINADOS. Apesar de ser dia, não enxergo a luz do sol, pois no ano de 2075, uma escura película gelatinosa foi inserida na termosfera, a cerca de cento e vinte quilômetros de altitude, devido ao extremo aquecimento global, fazendo da Terra, trevas. Desde então, milhares de holofotes perambulam por aí. Um está sobre a minha cabeça neste exato momento. Retiro uma das minhas pesadas botas e atiro com violência contra o holofote. Ele cai e entra em convulsão. Pequenos circuitos explodem como pequenos foguetes pirotécnicos. Ouço uma sirene: duas equipadas motos cruzam o céu. São policiais. Lembro do Juiz Dredd, personagem vivido pelo ator Sylvester Stallone num filme que assisti quando fui transportado para o ano 1995.

Desespero. Descontrole. Vômito. Corro incessantemente sem uma das minhas botas. Os policiais estão cada vez mais próximos. Corro ainda mais. Meus pés doem, principalmente o que está descalço. Falta fôlego. Afinal, pra que estou correndo, se a cada setenta e duas horas eu viajo no tempo? Paro. Eles estão próximos. Estão próximos. Próximos. Vomito...

11 horas:

Estou trancafiado numa espécie de aquário sem nenhum móvel; nem cadeira, nem cama, nem privada. Não é tão limpo como as ruas ou os hospitais da minha época. Tem fezes, urina, vômito, lixo, vermes, tripas e outras coisas que não consigo identificar espalhados pelo chão. Levo um tremendo susto, quando noto no outro canto do aquário, um gordo sem camisa visivelmente suado, enfiando o dedo nas narinas e depois na boca; uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove vezes... Fico sem a outra pesada bota, pois ela se encontra na cabeça ensanguentada do gordo porco.

4 horas:

Um policial aciona um botão e levanta uma das portas de vidro da cela. Fecha os buracos das narinas com os dedos, e com a outra mão, faz sinal para que eu saia apressadamente. Felizmente, ele não notou o gordo desfalecido no meio do lixo.

Já sentado numa pequena sala, dois policiais de terno preto me encaram. Eu os encaro. Eles me encaram. Eu os encaro. Eles me encaram. Eu os encaro. Eles me encaram. Levo um soco no

olho esquerdo do punho direito do policial à minha esquerda. Eles me encaram. Desvio o olhar e olho com o olho direito para o chão e noto respingos de sangue. Alguns estão frescos, outros secos, provavelmente dos torturados que ali estiveram. Penso se eles estão mortos ou onde estariam, pois não vi outros prisioneiros além do gordo porco.

Um dos policiais, acho que o da direita, fez uma pergunta:

— Você é um maldito comunista?

— Não, não sou...

Levei um pontapé na barriga. Faltou ar.

— Você é um maldito comunista?

— Não sou, já disse...

Levei outro pontapé na barriga, só que este foi mais forte. Faltou mais ar.

— Você é um maldito comunista? — o policial se aprontou para dar outro pontapé.

— Sim, eu sou!

Mesmo dizendo o que eles queriam ouvir, levei outro pontapé na barriga. Vomitei e depois desmaiei.

1 hora:

Acordo com um safanão no rosto. Eles me sentam e perguntam em uníssono: *Você é terrorista?* Antes de responder, enfio a mão no bolso da calça à procura de cigarros. Não os encontro. Esqueci do ano em que foram proibidos mundialmente. Acho que foi em 2001... não, não, foi em 3097... Não, eu nunca estive nesta época, acho que foi antes. Retiro um papel do bolso, não me lembrava dele. Estava bem amassado, mas ainda dava para ler: *Oração a São Judas – Repasse para 100 pessoas e veja o seu desejo ser realizado em apenas 48 horas.* Para quem eu repassaria? Eu não tinha 48 horas, mas desejei. Meu desejo foi perverso. Desejei que os dois policiais morressem. Eles arrancaram o papel da minha mão. Eles me encaram. Eu os encaro. Chuto um na virilha e derrubo o outro com um violento soco no nariz. Uma sirene é acionada. Alguns robôs biológicos, policiais humanos encapuzados e fortemente armados entram na sala. Eu solto um palavrão, mandando eles encontrarem as mães que os pariram. Silêncio. Interrogação. Os robôs biológicos não entenderam. Raiva dos policiais humanos. Fúria. Movimentação. Farfalhar das armas. Olho para o relógio. Vomito. Faltam apenas 3 segundos: 1, 2,...

72 horas:

1851 d.C.: caminhando descalço, visualizo com o olho direito um pequeno vilarejo. Uma festa acontece. Caminho calmamente, pois os pés, a cabeça e a barriga doem. Vejo algo que desperta a minha atenção. Coloco as mãos no bolso, mas esqueço que... Caminho e me aproximo dela, uma garota de aproximadamente vinte anos. É muito, muito parecida com Clarice, minha esposa. Provavelmente, quem sabe, não seja a bisavó dela? Uma lembrança, uma música do meu tempo (1940) invade a minha mente. É estranho saber que Frank Sinatra ainda nem nascera. Canto *Polka Dots And Moonbeams* para ela:

“A country dance was being held in a garden
I felt a bump and heard an ‘Oh, beg your pardon’
Suddenly I saw polka dots and moonbeams
All around a pug-nosed dream”

Ela sorri. Nós sorrimos. Continuo com a canção. Nos aproximamos mais. Eu a abraço gentilmente. Uma roda de pessoas em torno de nós vai surgindo, e ficamos bem no centro. Dançando e dançando...

Não olho para o relógio. Não procuro mais por cigarros. Olho apenas para ela e penso em arrancar uma folha do meu pequeno e velho diário: escreverei uma carta para Clarice e direi o quanto a amo, e que não importa em que ano eu esteja, ela sempre estará comigo. E espero que esta garota em meus braços passe para sua filha, e sua filha para sua filha, e assim por diante.

Olho para as pessoas ao meu redor, todas com orelhas. Olho para o céu estrelado, sem poluição, sem holofotes de néon ou película gelatinosa, e recordo do último dia em que vi minha esposa: embora estivesse com lágrimas nos olhos, radiante e feliz, sorria para mim. Estava com uma antiga carta nas mãos. Não cheguei a ler, mas só hoje entendi o que era. Ela disse que era de sua bisavó e que foi passada de geração para geração.

DRACULEA

Do alto do prédio da Gazeta, visualizo a Avenida Paulista de ponta a ponta: pequenas formigas aglomeradas num trânsito robótico, num vaivém nauseante. Os agudos e frios sons das buzinas inebriam a minha memória, fazendo-me sentir um êxtase tão prazeroso que toca lá no fundo deste negro e histórico coração. Os *flashes* de antigas batalhas e o som das trombetas que as anunciavam eram semelhantes, diferenciando apenas que naquele tempo maldito a luta era corpo a corpo e com duração de poucos dias. Hoje, a luta é contra o estresse, contra as modernas doenças que acabam com artérias, invadem corpos e mentes amaldiçoando fracos corações... Sinto a dor destas formigas e sinto pena ao olhá-las lá embaixo, indo para suas casas para que no dia seguinte, logo cedo, estejam de volta, e isso se repetirá dia após dia, ano após ano, até o corpo adoecer, envenenando o que lhes é mais precioso, o sangue. Estou doente, pois também estou contaminado, o sangue deles corre em minhas veias e sinto muita dor, uma dor infernal... Sinto algo escorrer em minha face, uma lágrima, a primeira em muitos milênios. Lembro de ter sentido algo semelhante quando vi minha mãe ser aprisionada eternamente nos confins do inferno, simplesmente por ter amado mais do que devia. Lilith, minha mãe, não teve julgamento e muito menos perdão daquele que a criou. Temida na idade média e censurada nos manuscritos bíblicos, hoje reina ao lado do banido anjo caído Satanás, e os excluídos e malditos compõem sua legião de eternos e escravos súditos. Afinal, o que é certo e o que é errado, além de um aglomerado de regras criadas pelo próprio homem? Por que tenho que segui-las se sou eterno e não obedeço a um Deus que castigou eternamente e severamente aquela que me pariu?

Olho para a grande bola de fogo se pondo atrás dos prédios cinza. Minha gengiva se retrai e meus caninos ficam expostos. Minha visão torna-se mais aguçada, como de todos os seres da noite. Visualizo minha provável presa. Minhas narinas se retraem, sinto o seu delicioso e vicioso aroma de perfume francês contrabandeado. Meus punhos se fecham fortemente e minhas veias pulsam freneticamente. Num único e certo salto atinjo a calçada. Uma criança com a mãe numa banca de jornal vê minha proeza. Mostro meus caninos. Ela finge esquecer o que viu e baixa rapidamente a sua pequenina e mortal cabeça. Dou uma forte tragada até meus pulmões se encherem por completo.

Ela está do outro lado da avenida, como sempre, às 18h30. Meus olhos vacilam ante o perigo de ser descoberto. Fico imóvel. Fixo o olhar em seus vermelhos cabelos que esvoaçam sob um simples gesto dos ventos. Sua face não apresenta felicidade, nem maldade, nem coisa alguma. Espero. Ela fica estática na beira da calçada. Olha para o nada, para o profundo e escuro nada e, numa brecha, atravesso a avenida sem ao menos me preocupar com os furiosos carros e nervosas motocicletas. O tempo para. Caminho com devoção em sua direção. Ela continua estática e desta vez parece olhar para os olhos meus. Meus passos inebriam nossa proximidade. Paro em sua frente, e apenas um palmo de distância nos separa. Seus olhos continuam estáticos, frios e sem movimento. Diferente do seu coração que pulsa num ritmo frenético e acelerado. Seu sangue, quente e doce, corre rapidamente nas veias. Seguro o seu braço direito. Ela sorri. Atravesso a extensa avenida em sua companhia. Penso em pronunciar palavras, mas antes de tal ato outro pensamento diz que não. Minha poderosa e rouquenha voz poderia revelar o meu segredo, então permaneço mudo, torcendo para que demorem uma eternidade até alcançarmos a calçada, fato que não se concretiza, pois logo estamos nela. Ela agradece e, educadamente, faço-lhe um gesto de cordial reverência. Ela não nota, como sempre. Mesmo assim, acompanho seus passos até os degraus do ônibus que a conduzirá até sua residência. Penso em acenar quando ela parte. Mas seu olhar continua fixo para o nada. Ela se vai, mas sei que amanhã, neste mesmo horário, estará aqui.

Minha amada, eterna amada Catherine. Acompanho seus passos há quatro séculos, mas prefiro preservá-la de minha demoníaca e eterna doença denominada *Eternidade*. Catherine renasce, falece,

renasce e falece eternamente. Eu a espero, pacientemente, como sempre.

Ela se vai. O seu frio olhar permanece em minha mente. Meu segredo está guardado. Ela nunca saberá quem sou ou o que sou. Ela é cega.

MR. SHEOL

Acaso, ó Criador, pedi que do barro me moldasses homem? Porventura pedi que das trevas me erguesses?

John Milton — *Paradise Lost*, X, 743-5

Sob as trevas da noite, correndo descontroladamente em largos passos, J.R. nota a reluzente e ensanguentada faca em uma de suas mãos. Por alguns minutos, cessa a dramática e insana corrida. Os descalços pés, latejando de dor. Os joelhos, dormentes. A luz da lua, metafórica luz inalcançável. Os seres das trevas presenciavam o desespero de uma figura maltrapilha. Gritos ensandecidos quebraram o silêncio da noite.

Jacinto Rodrigues parou de escrever. Já estava clareando. Hoje era dia de oração, de clamar por misericórdia, de passar o dia com os irmãos de fé. A Bíblia embaixo do braço e os costumeiros preparativos para abandonar o lar por algumas horas já aconteciam.

O cristão, Jacinto: escritor descendente de escritores cristãos; rapaz de família puritana, de sábias palavras e rudimentares vestimentas; símbolo de cultura e fé; interlocutor da comunidade regional; chave de um grande segredo.

Semanalmente, o principal veículo de comunicação do município de Hortolândia, *Jornal Diário da Região*, publicava pequenos trechos de uma novela, considerada pela maioria da população da cidade, que era cristã, como demoníaca. O diabo era enaltecido naqueles profanos textos que, mesmo sendo renegado pelos cristãos, fazia o jornal ser o mais vendido do município. Todos ficavam desesperados para saber a continuação da trama, incluindo os que a renegavam; acotovelavam-se perante o jornalista para adquirir o tablóide com a proibida e demoníaca novela, plagiada dos contos do mundo inferior. O autor da comentada obra assinava com o nome de *Mr. Sheol* e se autodefinia como estudioso e membro de uma secreta, antiga e profana seita.

Por onde Jacinto Rodrigues passava, ruas urbanizadas, lama, luz e trevas — não fazia diferença — sempre murmurava trechos de sua obra poética preferida: *Paradise Lost*, de John Milton, de 1667::

Que importa onde eu esteja, se eu sou o mesmo
Sempre serei, — e quanto posso, tudo?...
Tudo... menos o que é esse que os raios
Mais poderoso do que nós fizemos!
Nós, ao menos aqui, seremos livres,
Deus o Inferno não fez para invejá-lo;
Não quererá daqui lançar-nos fora:
Poderemos aqui reinar seguros.
Reinar é o alvo da ambição mais nobre,
Inda que seja no profundo Inferno:
Reinar no Inferno preferir nos cumpre
À vileza de ser no Céu escravos.

No casebre, bíblias espalhadas de todos os tamanhos, formatos e anos possíveis. As lisas e cinzas paredes, sem estampas. Figuras ali não havia, apenas livros, livros, livros e lembranças. A solidão era gigantesca naquele pequeno recinto tão repleto de ideias de autores antigos e

contemporâneos. No centro da grande mesa, que ficava ao lado da lareira, várias obras enfileiradas, uma sobre as outras. Algumas se sobressaíam às demais, como a obra de Tristan Tzara e o seu Dadaísmo, enfatizando o ilógico e o absurdo; o clássico do autor escocês Robert Louis Stevenson, *O Médico e o Monstro* e o grandioso ensaio *O Mundo que esnobou o poeta*, do autor russo Roman Jakobson — uma obra escrita sob fortes emoções após a morte do amigo Wladimir Maiakóvski.

Jacinto ocultamente se autodefinia como *pluralista*. À noite, deixava-se possuir pelo seu outro eu, *Mr. Sheol*, escritor polêmico de contos épicos que enaltecia as trevas e os seus seres infernais.

Certa vez, Jacinto apaixonou-se loucamente por uma jovem de sua comunidade cristã, Maria Isolda. Bela jovem, de fala simples, desnuda de ornamentos, carregava consigo apenas um chumaço de longos e sedosos cabelos lisos, dois grandes olhos negros brilhantes e uma pornográfica boca carnuda. Não sentia o mesmo por Jacinto, tornando-o uma infeliz e perambulante alma pensante, para desespero do seu ser e felicidade dos seus inúmeros leitores, pois, Isolda, Maria Isolda, era a inspiração para os contos épicos infernais de seu alter ego.

Mr. Sheol descrevia as trevas com tantos requintes e detalhes, que, às vezes, causava arrepios nos leitores. Antônio Bernardino, editor e proprietário do Jornal *O Diário da Região*, sentia o mesmo ao ler os trechos da tétrica novela, responsável pelo considerável crescimento nas vendas do jornal e de seu império. Mas tanto o editor como os leitores tinham algo em comum: não conseguiam parar de ler a medonha e tétrica novela.

A primeira vez em que Jacinto Rodrigues se deixara ser possuído pelo autor Mr. Sheol foi no dia do casamento de sua amada Maria Isolda. Os olhos da linda jovem brilhavam tanto ao olhar o noivo Gilberto Tristão que Jacinto sabia que nunca mais teria uma chance, a não ser, assassinando o rival, coisa que jamais faria.

Após o casamento, trêmulo, deprimido e bêbado de ódio, o escritor caminhava para casa. As cores dos lindos jardins da praça por onde costumeiramente passava diluíram-se. As crianças que brincavam no parquinho não eram mais crianças. O sorriso das figuras que perambulavam nas ruas não eram mais sorrisos. Jacinto não era mais Jacinto. A escuridão tomara conta da alma daquele jovem cristão. A primeira tarefa daquele novo homem ao adentrar-se em casa foi sentar-se furiosamente na cadeira, jogar todos os livros que estavam na mesa ao chão, pegar abruptamente a raridade que pertenceu ao seu avô, a máquina de escrever datada do ano de 1910 da marca Bennett, e começar alucinadamente a datilografar cenas terríveis do assassinato de um homem que acabara de se casar.

05 de janeiro de 1976. Esse foi o dia do casamento de Maria Isolda com Gilberto Tristão; também o dia do primeiro capítulo da macabra e terrível novela *Death of the soul*.

Todos os dias, ao amanhecer, o jovem cristão notava que não dormira na cama e sim debruçado a grande mesa. Ininterruptamente, acordava com pelo menos duas folhas datilografadas à sua frente e, ao lê-las, sabia que não eram suas e sim do seu outro eu, Mr. Sheol. Nos preparativos da saída para a igreja, Jacinto sempre lavava apressadamente o rosto para não perder o culto, mas, ao olhar-se no espelho, algo vindo de dentro do seu interior pronunciava repetidamente: *Publique a novela!*

No primeiro dia da criação da lúgubre novela, ele foi ao culto e mal conseguiu ouvir o sermão do pastor, pois outra voz tomava o seu lugar. Na saída do culto, o atormentado rapaz saiu às pressas para a redação do Jornal *O Diário da Região*. Discretamente, adentrou na grande redação e procurou pela mesa do editor. Não demorou para encontrá-la, pois o recinto mais requintado da grande sala cheia de divisórias era a do editor Antônio Bernardino. Demorou poucos minutos para Antônio sair da sala para atender a alguns convidados políticos. Sem perder tempo, Jacinto aproveitou para jogar o envelope com o primeiro capítulo da tenebrosa novela *Death of the soul* em cima da mesa, bem ao lado da plaqueta *Editor*. Saiu às pressas da redação com um certo alívio, pois a macabra voz que vinha do seu interior cessara completamente. A partir desse dia, as visitas foram constantes à redação de *O Diário da Região*.

Jacinto passou várias semanas atormentado, sonolento e desesperado, pois não sabia mais o que fazer. Não sabia como cessar a macabra novela enaltecida do Diabo. Porém, certo dia,

próximo à vibrante lareira, o pobre rapaz tem uma obscura ideia, semelhante às do seu outro eu: assassinar Mr. Sheol.

O atormentado rapaz visualiza através da janela da sala o derradeiro Sol se pondo. Sabe que, em poucas horas, Mr. Sheol viria tomar o seu lugar. Então, deu início aos preparativos: pegou um punhal e o escondeu atrás de um livro do autor uruguaiano Felisberto Hernández. Sentou-se calmamente na cadeira, puxou a antiga máquina de escrever, inclinou-se em direção a lareira e vislumbrou as chamas como se fosse a sua primeira vez. Passou quase duas horas nesta posição. Vez ou outra, olhava para um dos livros que estavam sobre a mesa e, ao olhar a obra de Hernández, *Nadie encendía las lámparas*, se lembrou do que deveria fazer ao amanhecer. Jacinto apagou.

Amanheceu. Debruçado sobre a mesa e com a cabeça sobre os braços, abriu os olhos vagarosamente. À sua frente, uma página totalmente datilografada e, ao final, a assinatura de *Mr. Sheol*.

— Ser abominável. Este será seu último manuscrito. De agora em diante, se quiser escrever, terá que fazê-lo nos confins do inferno... Só não sei se lá haverá uma máquina de datilografar tão valiosa como minha Bennett.

Jacinto levantou o livro de Felisberto Hernández, segurou firmemente o instrumento que o livraria de Mr. Sheol e, por alguns segundos, visualizou um par de olhos refletindo-se na pequena arma. Esta seria sua última lembrança, se não fosse a visão do tom vermelho que escorria lentamente do abdome ao chão.

Jacinto Rodrigues, cristão, escritor descendente de escritores cristãos. Rapaz de família puritana, de sábias palavras e rudimentares vestimentas, símbolo de cultura e fé, interlocutor da comunidade regional, assassino duplamente qualificado. Livrou a cidade de Hortolândia do delírio vicioso da inacabada novela *Death of the soul*. Fez desmoronar o império de um homem chamado Antônio Bernardino. Nas trevas, fazia companhia eterna ao autor chamado Mr. Sheol.

Último manuscrito da novela de Mr. Sheol. (Não publicado)

19 de novembro de 1977

*Sob as trevas da noite, correndo descontroladamente a largos passos, Jacinto Rodrigues nota a reluzente e ensanguentada faca em uma de suas mãos. Por alguns minutos, cessa a dramática e insana corrida. Os descalços pés, latejando de dor. Os joelhos, dormentes. A luz da lua, metafórica luz inalcançável. Os seres das trevas presenciavam o desespero de uma figura maltrapilha. Gritos ensandecidos quebraram o silêncio da noite. Dois olhos queimando de ódio surgiam das trevas. O ser está com o abdome aberto, deixando-se notar os órgãos ainda pulsantes. Nas mãos da criatura, a página de uma novela, intitulada *Death of the soul* - O triste fim de dois escritores.*

FREI FRANÇOIS

Paris, inverno de 1667.

Meu nome é Piedro Tassi, mas me chamavam de “o caçador”. Isso há 43 anos, quando minha virilidade ultrapassava a de dois homens saudáveis. Hoje sou apenas um velho, com mais de seis décadas de experiências. Apenas um velho doente e solitário que recorda os bons tempos, que para alguns seriam os piores pesadelos já vivenciados. Sim, gostava daquela vida, afinal, achava que nada de mal poderia me acontecer, pois, quando somos jovens e fortes, somos inatingíveis. Mero engano, pois esse pensamento quase custou minha vida ou, melhor dizendo, minha alma. Perdi quase todos os movimentos do braço esquerdo. Uma muleta auxilia os meus passos vagarosos, pois sinto dormência constante nas pernas. Minha memória continua ativa, minha visão turvada permanece atenta aos estranhos movimentos e o meu braço direito é suficientemente forte para erguer a pena com a qual escrevo estas tortuosas linhas, que talvez sejam as últimas deste velho e pobre homem. Sou lastimoso? Sim, confesso. Mas o que você esperaria de um homem como eu? É verdade, você ainda não conhece minha história, mas garanto que, ao chegar ao final deste relato, concordará comigo e, quem sabe, sentirá pena.

Como já disse antes, fui um homem que esbanjava saúde e por onde passava as mulheres suspiravam. Os homens? Sentiam inveja! E os que não possuíam alma temiam a simples pronúncia do meu nome. Mas algo deu errado, e alguma coisa fugiu do equilíbrio em que tanto acreditava: que o bem sempre vencia o mal.

Tudo começou no ano de 1624, quando visitei uma pequena cidade situada no norte da França, cujo nome não citarei, pois, além de estar em ruínas, me causa temor em despertar o demônio. Apesar de ser um lugar rústico, era muito agradável. A maioria dos que ali viviam tinham algum grau de consangüinidade. Vez ou outra surgia um forasteiro como eu ou alguns frades e comerciantes que pernoitavam em pequenas e baratas acomodações. Os frades permaneciam no velho mosteiro próximo da cidade, um lugar sombrio e chamativo, principalmente para aventureiros. Fiz o possível para encontrar um quarto longe do centro comercial, pois o cheiro de peixe e carniça era insuportável. A população com certeza já estava acostumada, pois o comércio de pescado era o destaque daquele lugar que sobrevivia com sua venda. Lembro com perfeição que, apesar de simples e pequeno, o quarto onde fiquei hospedado por alguns dias era quente e aconchegante, além de ficar bem próximo do mosteiro. Uma excelente combinação, perfeita para um solitário caçador de aventuras. Sim, apesar da cobiça das mulheres, eu era um homem solitário, pois minha maior paixão sempre foi o sobrenatural. Confesso que sempre tive faro para lugares assombrados. E, quando passei por aquela cidade, apesar da aparência tranqüila, algo me disse que encontraria acontecimentos anormais. A presença constante e nervosa de alguns frades, que perambulavam lá, denunciava tal fato. Com o passar dos dias, rumores começaram a surgir nas tabernas que freqüentava. Pessoas diziam que um ser demoníaco estava na cidade. Poderia ser um simples boato, mas o fato é que, em questão de dias, três jovens garotas foram encontradas dilaceradas. Apresentavam sinais iguais de tortura em seus corpos. E o que mais me chamou a atenção: profundos ferimentos no lado esquerdo dos pescoços, semelhantes às mordidas de animais com poderosas mandíbulas. Pior ainda era que nenhuma delas ainda possuía sangue; estavam pálidas, parecendo que, além das mordidas, a fera também lhes sugara o líquido da vida, não deixando uma gota sequer em seus corpos. Eu sabia muito bem o que tinha causado aquela carnificina e lhe contarei resumidamente o que sei: em minha adolescência, tive um mestre... na realidade, foi meu pai adotivo, já falecido. Ele foi um dos maiores estudiosos do mundo sobre o ocultismo e o sobrenatural. Certa vez, me contou sobre um bruxo que evocou um poderoso

demônio, e este trouxe consigo uma praga que teve origem nos confins do inferno, que, por algum motivo que desconhecia, acabou contaminando o próprio bruxo. Esse homem mudou drasticamente, passando a adotar hábitos estranhos. Entre eles, canibalismo e o prazer por beber sangue humano. Aqueles que não assassinava eram contaminados e passavam a adotar os mesmos hábitos do bruxo. Meu mestre os chamava de sanguessugas, sugadores de sangue, e, apesar de serem poucos, pois a maioria não suportava os ferimentos e acabava morrendo, os que sobreviviam poderiam matar milhares de pessoas, pois apresentavam força sobre-humana. Meu mestre era sábio e, além da experiência com o ocultismo, tinha grandes conhecimentos de alquimia. Em poucos meses, conseguiu elaborar um elixir que poderia curar os contaminados recentemente. A combinação de ervas raras e minerais compostos causava reações diversas e a principal delas era a fraqueza constante nos membros do corpo, além de o curado passar a ser um morto-vivo, pois meu mestre tinha convicção de que os contaminados perdiam suas almas. Perdiam o brilho em seus olhos, que é o que distingue um homem vivo de todo o restante. E os sanguessugas não possuem esse brilho no olhar. Algo estranho, até mesmo louco. Se eu mesmo não tivesse visto esses monstros sugadores de sangue, não acreditaria.

Com certeza, o causador das mortes era um sanguessuga que se deleitava com o prazer em matar e tomar sangue. O que eu ainda não sabia era onde ele estava, mas a agitação dos frades me dizia que descobriria algo se visitasse o velho mosteiro.

Confesso que não foi difícil adentrar o lugar. Bastou-me apenas vestir trapos marrons, um cordão em torno do abdome e sandálias. Logo estava entre os frades que juraram voto de pobreza, mas que viviam às mil regalias e se alimentavam como porcos. Lembro com perfeição que me esforcei muito para não levantar suspeitas, pois seus hábitos eram bem diferentes dos meus, mas meu principal relato não são os seus métodos não convencionais, e sim o que aconteceu naquela tétrica noite. Quando todos apagaram as velas e foram dormir, resolvi perambular pelos cantos sombrios do velho mosteiro à procura de alguma pista do sanguessuga. Além de mim, mais alguém perambulava no local, e o que deveras me surpreendeu, eriçando por completo todos os pêlos do meu corpo, foi o estranho verso que aquele ser, quase num sussurro, sarcasticamente pronunciava. Eram *Os Versos da Morte*, escritos entre 1194 e 1197, e só descobri anos depois que o seu real autor fora um monge poeta que estivera séculos atrás naquele mosteiro, chamado Hélinand de Froidmont:

Os Versos da Morte – Hélinand de Froidmont

36

Se não há outra vida, mais vale
Então deixar o campo livre
Aos prazeres, e gozar sem remorsos.
Viva então a situação de porco,
Porque todo pecado é bom e belo!
Se a virtude é um tesouro,
Que farão estes monges então
Que, por Deus, atormentam seus corpos,
Que beberam o amargo a baldes cheios?
Se está quite após a morte,
Eles escolheram o mau posto
Todos os da ordem de *Cister*!

37

Se Deus nada retribui, ele se vende
Muito caro aos pobres monges brancos.
Os monges gordos estão melhor aquinhoados,

Eles rompem seus compromissos
E fazem procissão, muitas vezes,
Aos bons pedaços e aos bons leitões.
Certamente, como São Paulo diz
– Ele, de quem cada palavra é sentida –:
“Suportar por Deus os tormentos
No lugar de gozar a vida
É a saída de um pobre de espírito,
Se é tudo o que se espera”.
(...)

Nada conseguiu apagar esses versos de minha mente, pronunciados por aquele ser demoníaco. Voltando ao relato daquela noite, após pronunciar os versos profanos, o estranho notou minha presença e apertou o passo, indo para a biblioteca do mosteiro. Minha única vela não conseguia iluminar o imenso local e, apesar do meu esforço, não consegui localizar o maldito. Ao perceber minha frustração e desistência, quando dei as costas para voltar aos meus aposentos, ele selou as trevas com um intenso e demoníaco gargalhar. Naquela mesma noite, sem sono e na janela da minha cela, fiquei observando o cenário enevoado e gélido. Um vulto, mais uma vez, chamou minha atenção. Parecia o mesmo que me enlouquecia há alguns minutos. Apesar da névoa e da distância da minha cela até o pátio, a Lua cheia presenteou-me, revelando os traços daquele ser imundo: baixo, magro, arqueado e com as vestes de um frade. Mesmo sem ter plena certeza de que era ele o assassino, minha intuição dizia que sim, pois os frades eram proibidos de sair do mosteiro tarde da noite, ainda mais quando deveriam estar em seus aposentos. Receoso, tranquei a porta da minha cela. Esperei acordado até o amanhecer.

Infelizmente, não tive boas notícias naquela fria manhã, pois um frade descuidado deixara a porta da sua cela destrancada e acabou tendo o mesmo destino das três jovens dilaceradas. Na mesma manhã, descobri que ele não fora o primeiro assassinado no mosteiro, mas o quinto. Todos foram encontrados da mesma maneira: com profundas perfurações no lado direito do pescoço, os mesmos sinais de tortura e o sangue drenado de seus corpos.

Ao meio-dia os frades fizeram uma reunião, então aproveitei que todos estavam juntos e tentei identificar o suspeito da noite anterior. Os murmúrios nauseantes dos velhos frades tentavam me confundir, mas um entre eles, o único que não se infiltrou na prosa, deveras me chamou a atenção. Cabisbaixo e com o olhar cerrado, parecia falar sozinho; quem sabe uma prece, ou mesmo os versos profanos da morte... A estranha fisionomia: pálido, arqueado e magro, identificava aquele que vi na noite anterior. Sim, era ele! Aproximei-me de um frade e perguntei: “Amado Frater, você conhece aquele que está logo adiante, cabisbaixo?” Ele disse: “Sim, claro, é o misterioso Frei François. Tenho pena dele, pois passou seis anos em peregrinação por toda a Romênia e dois enclausurado no mosteiro de Ahatoor na Transilvânia. Assim que retornou, foi recebido por esses acontecimentos demoníacos. Mas não repare, pois ele voltou bem diferente, misterioso e calado. Deve ter sido a longa jornada ou os longos anos que passou distante da França como um cenobita”.

Naquele momento, tive a plena convicção de que era ele o desgraçado sanguessuga, pois meu mestre dizia que na Romênia haviam muitos deles. E que o bruxo que evocara o demônio que trazia consigo a praga infernal residia na Transilvânia. Agora, bastava esperar mais uma noite. A fatídica...

Já era quase meia-noite. Apesar de ser um experiente caçador, meu coração acelerava completamente sem controle. Minhas mãos estavam molhadas e trêmulas. Meus olhos vacilantes se confundiam com as sombras da noite. Uma adaga de prata que pertenceu ao meu mestre era minha única arma. Um frasco pela metade do poderoso e milagroso elixir era a minha garantia. Os minutos eram doloridos, nervosos e eternos. Apesar do intenso frio, as gotas de suor que respingavam da minha face diziam que eu estava vivo e acordado. Não era um pesadelo. Por mais incrível que pareça, eu gostava de sentir todas aquelas sensações que o medo provocava, de enfrentar o sobrenatural e de ver até quando minha resistência suportava. As velas apagadas denunciavam que

todos os frades estavam em seus leitos. O vento sussurrava nas árvores do pátio e, como um animal, eu aguardava a minha demoníaca e poderosa presa. Com os dentes cerrados, olhos furiosos e punhos fechados, visualizei o assassino em flagrante. Apesar da frágil aparência, ele apresentava uma força hercúlea. Arrastava um corpo pelo pátio com facilidade. Sem permitir que notasse minha presença, segui seus passos e, no meio dos arvoredos, próximo de um lago, o festim diabólico iniciou-se: o sanguessuga que outrora fora chamado de Frei François acomodou-se de cócoras próximo de sua fácil presa e, enquanto pronunciava os versos profanos da morte, com suas poderosas garras, dilacerava o corpo de sua vítima, enquanto seu rosto estampava uma horrenda felicidade. A vítima, um obeso e velho frade, ainda estava viva, e seus gemidos intensificaram minha fúria. Como uma fera, saltei por cima da criatura. Com um simples e humilhante gesto, ela me arremessou longe. Ao me levantar da queda, senti algumas costelas soltas, o que dificultava minha respiração, mas, ainda com agilidade, tirei minha adaga de prata da bainha e fui de encontro ao demônio. Mas um mero e fatal descuido acabou com minha vida. Tropecei nas raízes de uma árvore e, em segundos, a criatura estava em cima de mim, ferozmente mordendo meu pescoço e sugando meu sangue. Cravei minha adaga em seu peito e, mesmo agonizando, o demoníaco ser agarrou meu braço esquerdo e quebrou meus ossos em várias partes. A dor era gigantesca, mas a luta pela sobrevivência me auxiliou naquela noite. Perdi a conta de quantas vezes perfurei o corpo daquele ser, que, mesmo com a vida se esvaindo, fazia questão de gargalhar enquanto cravava suas garras em minha cintura. Como sou amante do silêncio, dei as costas para a ensangüentada e desmembrada criatura.

Tingido de sangue, deixei que meus passos vacilantes me levassem para fora do mosteiro. Tentei me afastar o máximo que pude e, sem perder tempo, bebi todo o elixir da pequena garrafa que trazia comigo, pois temia tornar-me um sanguessuga.

Sim, derrotei aquele poderoso demônio, mas sei que outros ainda caminham pela Terra. O elixir evitou que eu me transformasse em um monstro, mas suas reações me tornaram um homem fraco, forçando-me permanentemente a abandonar a vida de caçador. O braço que a criatura quebrou nunca mais se recuperou, e hoje o meu único temor é o de não saber se ainda possuo uma alma, pois o brilho em meus olhos não existe mais.

O LADO OCULTO DE ROSE

São Paulo, 04 de março de 2008. Ao visitar a casa dos meus bisavós e avós no bairro do Bexiga em São Paulo, encontrei esta carta, já um pouco deteriorada, dentro de um velho baú no sótão, juntamente de outras cartas, fotos e documentos mal preservados da minha família. A carta foi escrita pelo meu falecido pai...

São Paulo, 30 de janeiro de 1949.

Somos italianos e há seis anos viemos morar no Brasil. Saímos da província de Salerno, situada na região de Campânia, cuja capital é Nápoles. Vieram meus pais Théo e Giovanna, eu, meu irmão Raphael, meus avós maternos Antônio e Arturieta e os paternos Raphaeli e Elvira, dois tios e suas esposas, sendo José e Marieta, Manoel e Andréia e mais sete sobrinhos; Nathale, Miguel, Alexandra, Giovanni, Armelinda, Maria e Rita de Cássia. Vieram também duas tias, mas uma, tia Rosalina, infelizmente faleceu na longa e desgastante viagem. Não entendi muito bem o que aconteceu, mas um médico a bordo do nosso navio, fez os exames preliminares e constatou intoxicação alimentar. Tia Rose, solteira, trinta e um anos, perdeu sua irmã e companheira Rosalina, e desde então, passou a se vestir com roupas fúnebres que combinavam com seus lisos cabelos negros que emolduravam sua pálida face. Vez ou outra, tia Rose balbuciava desconexas palavras, dando a entender que era a sua maneira de orar pela irmã que se foi. O terço e a Bíblia passaram a ser os seus eternos e únicos companheiros, pois a pedidos insistentes dela, a família em respeito se afastou.

(...)

Diferente do imigrante que visita um país apenas a passeio e logo depois retorna a sua terra natal, somos emigrantes e temos vistos permanentes, pois viemos para trabalhar e tentar uma nova vida no Brasil. Meus avós não aprovaram a mudança, pois em cerca de um ano, a família se dividiu. Desde quando chegamos neste país, permaneci morando no bairro do Bexiga em São Paulo. Abrimos um restaurante e pizzaria no saguão de nossa casa, e hoje moram comigo meu irmão, pais e avós. Meus tios José e Manoel, suas esposas e filhos foram para Guarulhos, compraram um sobrado e abriram um comércio de bebidas próximo da Av. Tiradentes. Minha tia Rose, foi para Guaratinguetá, uma cidadezinha do interior de São Paulo, e os bons ares do lugar mudou completamente a sua personalidade reclusa, a tornando em uma excelente professora de piano. Este dom lhe permitiu lecionar no salão principal de sua casa para cerca de vinte jovens alunos entre treze e dezessete anos, sendo oito garotos e doze garotas. A renda obtida com as aulas deu para ampliar a sua casa e ainda ter o luxo de empregar duas pessoas de meia-idade, sendo uma doméstica e um jardineiro. Mesmo tendo uma boa renda, tia Rose fazia questão de cozinhar todos os dias; arte que aprendeu quando criança com minhas queridas avós sicilianas. Bom, cheguei no exato ponto do meu relato, contei um breve resumo da nossa história para que você entenda o que direi logo em seguida:

O terror em nossas vidas iniciou-se exatamente há dois meses e três dias, quando tia Rose convidou meus tios, suas esposas e filhos para um jantar de fim de semana. Desde que fora morar em Guaratinguetá, aquele seria o primeiro jantar em família em sua casa. Eu, meus pais e avós, não poderíamos comparecer, pois deveríamos recepcionar uma festa de casamento que aconteceria em nosso restaurante justamente naquele fatídico sábado. Foi apenas meu irmão mais velho Raphael, pois se sentia muito cansado decorrente ao exaustivo trabalho de garçom no restaurante, e é com muito pesar que escrevo estas embaçadas linhas. Meus olhos lacrimejam incessantemente, pois o que era para ser um simples e feliz jantar em família, tornou-se uma diabólica armação do destino...

Três dias após a viagem dos meus parentes para Guaratinguetá, recebemos uma carta de tia Rose, pois como dizia já no primeiro parágrafo, ela não teve forças para nos comunicar a tragédia via telefone: segundo Rose, no sábado, dia do jantar onde reuniu meus tios, suas esposas, filhos e meu irmão, ela, indisposta, não participou do jantar, e foi para seus aposentos enquanto todos permaneceram na copa, conversando num tom grave como todos nós italianos fazemos quando estamos reunidos em família. Rose despertou na manhã seguinte, e ao lembrar do jantar da noite anterior, deduziu que sua empregada conduzira seus visitantes após o jantar até aos aposentos exclusivos do casarão, mas lembrou-se quase de imediato que a dispensou logo no início da tarde. Então onde seus irmãos, sobrinhos e cunhadas estariam? Levantou-se, fez seus afazeres rotineiros de todas as manhãs e desceu até a copa, mas, a cena que ela presenciou e descreveu foi terrível: todos, sem exceções, ainda permaneciam sentados em suas cadeiras. As cabeças de alguns declinadas para o prato, outros completamente debruçados sobre a mesa, e a maioria ainda segurava com certa firmeza os talheres de prata. Tentou acordá-los em vão. Todos estavam mortos e ainda compartilhavam da ceia macabra em família.

Entramos em desespero; li a carta três vezes e ainda não conseguia acreditar naquelas malditas palavras. Tentamos telefonar por várias vezes para tia Rose, mas ninguém atendia o telefone. Minha mãe chorava muito e meu pai pediu para que eu fosse com minha motocicleta até Guaratinguetá, pois a carta deveria ser alguma brincadeira de mau gosto. Comi alguma coisa rapidamente, peguei minha jaqueta de couro, abracei e beijei meus pais e avós, enchi o tanque da minha motocicleta Indian Sport Scout 750cc, e rumei o mais rápido possível para a cidadezinha.

(...)

A viagem não foi fácil, foram horas difíceis de estrada, pois a ânsia em chegar ao local, era gigantesca. Eu queria ver tia Rose com meus próprios olhos e ouvir de sua boca que tudo aquilo era mentira, mas, ao me aproximar do centro de Guaratinguetá, notei uma grande movimentação semelhante as tradicionais procissões. Na realidade, era a procissão para o enterro de doze pessoas: meus tios, suas esposas, meus sobrinhos e meu irmão. A carta de tia Rose era verdadeira.

(...)

Identifiquei facilmente o casarão de tia Rose, pois era o único naquele tom amarelado da rua. Não precisei bater à porta, pois a mesma já se encontrava entreaberta. Os alunos das aulas de piano em uníssono ressoavam uma triste percussão, provavelmente em homenagem aos meus entes falecidos. Entrei sem ser notado, mas notei a empregada que, com uma grande bandeja, atarefada, servia algum tipo de sobremesa aos alunos, provavelmente feita pelas mãos de tia Rose e, um a um foi cessando a triste canção. Procurei sinais de minha tia por alguns cômodos do casarão, mas não a encontrei. Vi uma estreita e quase despercebida porta no final da cozinha. Era a entrada para o porão. Desci em uma estreita escada de madeira, quase ruindo, e encontrei um imenso e solitário salão, exceto pela grande viga em seu centro que provavelmente sustentava toda a estrutura da casa e, encostado em uma parede, um antigo armário com as portas entreabertas e quase caindo aos pedaços, o qual revelava alguns frascos de vidro, mas, curioso que sou, me aproximei do armário e li com clareza seus rótulos que apresentavam os mesmos dizeres: *Produto tóxico: Arsênico*. Confesso que até então, não sabia o porquê de tantos frascos deste veneno. Talvez para matar ratos, quem sabe, mas sem dar muita importância, temeroso, dei as costas para a descoberta e sai do local com certa rapidez, pois notei que a grande viga central, estremecia de tempos em tempos, apresentando algumas visíveis rachaduras em suas extremidades — parecia que o casarão poderia ruir à qualquer momento. No térreo, notei um certo silêncio, e imaginei que os alunos de tia Rose já tinham ido para suas casas, então resolvi subir mais um lance de escada, que dava de frente para um quarto. Era o quarto de tia Rose, e soube disso naquele momento porque a vi dormindo em seu leito. Para não causar transtornos, resolvi descer novamente para o grande salão, mas, algo estremeceu

minh'alma: vi tia Rose subindo os lances da escada, e instantaneamente, quase num reflexo, olhei para trás e vi tia Rose ainda deitada em sua cama. Minhas pernas e mãos estremearam, pois algo de sobrenatural acontecia: tia Rose continuava a subir a escadaria, e quando já estava ao meu lado, com um dos frascos de Arsênico na mão, contemplou minha face com um diabólico sorriso no olhar. Desci as escadas aos tropeços e, a nova cena que presenciei, fez explodir algo em meu peito: eu ouvia as batidas do meu coração como o estouro de bombas de fim de ano. Todos, todos os vinte alunos de tia Rose, estavam sentados em suas cadeiras, mas não apresentavam movimento algum; estavam mortos. Pude notar ao longe a empregada em pé e estática com um homem ao seu lado — provavelmente o jardineiro. Seriam cúmplices de tal barbaridade? O fato é que, no mesmo instante em que resolvi sair do casarão para pedir ajuda, senti o chão estremeer de tal maneira, que cai de joelhos no assoalho. Levantei-me rapidamente e corri até o centro da rua, e quando olhei para trás, vi tia Rose debruçada na janela de seu quarto e, atrás dela, a outra idêntica a ela que cruzei instantes antes na escadaria, pois a diferenciei apenas pelo olhar demoníaco. Àquela cena durou poucos segundos, pois a casa inteira ruiu, sobrando apenas pedras e um extenso sinal de poeira que ia do chão até o alto. Pude notar também, no meio da poeira, vários rostos em agonia que se formavam e desmanchavam incessantemente...

A ESTRANHA

Segunda-feira, 20 de julho de 2009.

Abro uma fresta na cortina, o dia está cinza... Me arrasto até o banheiro, giro o registro do chuveiro e lavo o rosto. Este é o pior dia da semana, pois ainda faltam mais seis para finalmente chegar o domingo, meu único dia de descanso. O relógio na parede, meu eterno inimigo, aponta 7h21. Tenho trinta e nove minutos para acabar de me vestir, tomar o café, dar ração para o Toby, ir até o ponto de ônibus e pegar o Aclimação. Segunda-feira tem trânsito na Av. Paulista, ainda mais num dia chuvoso como este. Faço tudo apressadamente: visto uma camisa de seda preta e uma calça jeans amassada coloco o bule no fogo e enquanto esquenta o leite coloco as meias e o relógio o leite ainda esquenta verifico novamente o tempo pela janela da sala e o dia continua nublado. Mas, algo anormal acontece no sobrado vizinho. As luzes estão acessas e juro ter visto alguém lá dentro. Foi muito rápido, apenas um vulto, não sei se era homem ou mulher. O casarão deve estar fechado há décadas. Quando me mudei para esta residência, ele já estava abandonado, mas talvez alguém o tenha comprado ou mesmo alugado e se mudado durante a noite passada. Tem pessoas que se mudam e não gostam de chamar atenção, então preferem fazer tudo na calada da noite. O leite no fogo. Corro até a cozinha, mas já tinha derramado. Tento limpar tudo com um pano de prato e acabo queimando minha mão esquerda. Esqueço o fogão sujo e faço um rápido e desajeitado curativo. Pego minha mochila, corro até a porta e ao fechá-la, noto que não estou calçado. Volto para o quarto, pego o primeiro tênis que consigo alcançar embaixo da cama e os calço. Não tenho tempo para dar nós nos cadarços. Neste instante noto que minha camisa está manchada, mas estou atrasado, não posso trocá-la. Meu inimigo aponta 7h38. Tenho vinte e dois minutos para chegar ao trabalho.

Escritório *Butterfly Design*. Sala do chefe. 8h48.

— Hoje é segunda-feira. Você está quarenta e oito minutos atrasado, aliás, se atrasou em todos os dias anteriores. Marcos, por que devo continuar com você na empresa? — o chefe dava o sermão enquanto digitava algo na caixa de busca do *Google*.

— Primeiramente, peço desculpas pelo atraso. Como o senhor mesmo disse, hoje é segunda-feira, mas está chovendo. Tinha muito trânsito na Av. Paulista.

— Se é segunda e está chovendo, por que não acordou mais cedo? — finalmente ele encontrou o que procurava na busca. Rapidamente Bernardo, o chefe, vira o monitor em direção a Marcos. — Veja a notícia deste *site*, nos Estados Unidos os caras trabalham sem parar, são os famosos *Workaholics*. Mesmo com essa crise toda, o mais pobre deles é mais rico que os nossos. Eles acordam cedo, se alimentam muito bem com panquecas, cereais e bacon. Você tomou café hoje?

— Não — o rapaz abaixa a cabeça tentando esconder as olheiras, mas não esconde o jeans amassado, nem as manchas de leite na camisa, nem o curativo mal feito na mão esquerda, nem os cadarços desamarrados e molhados espalhados pelo chão.

Bernardo tecla três vezes no painel do telefone e enquanto aguarda a chamada, traga várias vezes seu cigarro matutino.

— Rose, traga a papelada.

O rapaz, acanhadamente, aguarda num canto do escritório já esperando pelo pior. São cinco, talvez seis demorados minutos até a moça com o nome *Rose – Departamento Pessoal* estampado no peito aparecer na porta da sala. Ele nunca a vira antes, deveria ser uma nova funcionária. Os pelos do seu corpo ficam eriçados. Um frio nas entranhas do abdômen se faz presente. Estranhamente ele sente o aroma de rosas invadir o ambiente e num instante parece ouvir ao longe um balbuciar de dezenas de lamentações aglomeradas. A moça deixa os papéis em cima da mesa e ao se virar, seus

negros olhos penetram os de Marcos. Um choque: ele sente uma momentânea paralisia nos membros inferiores, deixando suas pernas trêmulas. Um intenso frio toma conta do seu corpo, mas não desmaia. A mulher de nome Rose continua séria e, mesmo caminhando em direção à porta, seus olhos continuam fixos nos do rapaz, até desaparecer no longo corredor cheio de divisórias. O nervoso homem sentado à sua frente quebra o gelo.

— Marcos, esta é sua carta de demissão. Juro que não queria que chegasse a este ponto, mas normas são normas e horários devem ser cumpridos. Que isso sirva de exemplo aos outros funcionários, mas lhe dou um conselho: tome juízo, pois hoje em dia a concorrência é grande e o emprego não está nada fácil.

O rapaz apenas consente com a cabeça, mas não pronuncia palavra. Dá as costas para o ex-chefe e se despede levantando o braço esquerdo e se esforçando em fazer um sinal mal-educado com um dos dedos da mão queimada. O percurso até a saída é longo, o corredor extenso. Cada divisória é ocupada por uma secretária obesa ou um estagiário *nerd* metido a *webdesigner*, mas, a única diferente daquele fúnebre local parecia ser a nova funcionária que vira há minutos; misteriosa e ao mesmo tempo estranha. Ela tinha algo diferente em sua feição, era como se não apresentasse emoção alguma. O que fez o jovem demitido passar pela última vez em frente ao Departamento Pessoal, mas não a encontrou.

(...)

Noite. Sala da casa de Marcos. 21h35.

O que um desempregado pode fazer numa noite de segunda-feira? — pensa Marcos, enquanto segura o telefone sem fio e se decide se pedirá uma pizza de muzzarella ou um yakisoba. Andando pra lá e pra cá, nota mais uma vez luzes acesas na casa vizinha. Ele se esquece momentaneamente do pedido, larga o telefone sobre o sofá e se debruça sobre um canto da extensa e fria janela de metal. Ele nota um vulto se aproximando da janela vizinha. Desta vez percebe que é uma mulher, devido o seu longo vestido negro, mas ao fixar os olhos em seu rosto, mais uma vez um arrepio lhe toma o corpo, é Rose, a nova funcionária do *Butterfly Design*. O rapaz, na tentativa de não ser notado, se esconde atrás da cortina, mas continua a olhar a vizinha que permanece com o mesmo semblante sério de outrora. Estranhamente, o rapaz percebe que Rose caminha de costas, mas logo em seguida volta à janela como se esperasse alguém. Ela parece confusa, então se volta e desaparece da vista de Marcos para minutos depois reaparecer segurando uma vela em uma das mãos, enquanto segura algo com firmeza na outra. Pensamentos invadem a mente de Marcos, então resolve descer e ir até o casarão e se apresentar como vizinho, pois como ela já o conhece, talvez lhe receba bem, e quem sabe então poderá compartilhar de uma bela e succulenta pizza?

(...)

Casa vizinha. 22h05.

Marcos sobe a escadaria que o conduz até a porta da entrada do casarão. Procura uma campainha, mas não a encontra. Pensa em bater na porta, mas outro pensamento o desmotiva e o faz voltar para a escadaria: *Por que uma moça viveria sozinha nesta imensa casa? Por que ela parecia estar tão ansiosa? Talvez aguarda um namorado ou quem sabe o esposo...* — pensa Marcos enquanto desse a escada, mas algo inesperado acontece: um ranger de porta se faz presente, o coração do rapaz gela, suas pernas se petrificam. Poderia correr, mas suas condições eram inadequadas e suas pernas não lhe obedecem. Ele espera por alguns tortuosos instantes e então resolve se virar. Rose está majestosamente à porta e parece esperar por uma resposta. Acanhadamente ele pronuncia palavras:

— Tudo bem? Meu nome é Marcos, sou seu vizinho, vi você pela janela da minha casa... ah, sou também ex-funcionário do *Butterfly Design*, você deve estar lembrada... Pensei se poderia convidá-la para jantarmos uma pizza.

— Claro, entre — duas inesperadas e rápidas palavras que o aliviam do medo da recusa e

principalmente da timidez.

Marcos adentra a sala e nota centenas de velas espalhadas em cima dos móveis e chão. Algumas fotos em preto e branco nas paredes lhe chamam a atenção: são de Rose, mas não parecem recentes, embora a fisionomia seja a mesma, mas como ex-funcionário do *Butterfly Design*, quase instantaneamente imagina ser o trabalho de montagem num editor de fotos de algum funcionário paquerador. Marcos também nota que todos os móveis ainda estão cobertos por lençóis brancos, mas se lembra que a moça se mudou recentemente. Ela o chama para a cozinha e o convida para se sentar numa velha cadeira de madeira. Ambos se sentam um frente ao outro. O rapaz sorri e espera ela pronunciar palavras, algo que não acontece. Ele nota que ela segura um negro terço nas mãos. Seu olhar parece frio e distante. Ele olha para os lados e não encontra tons de cores que o agradem. Tudo parece cinza e sem vida. O silêncio lhe causa um incômodo zunido nos ouvidos. Ele se arrepende de ter ido até lá. Por um momento pensa em perguntar se ela está de luto, talvez o seu marido ou um parente tenha falecido, mas resolve permanecer calado, até que uma voz feminina quebra o silêncio:

— Cipriano, seu maldito, faz muito tempo que eu lhe espero. Por que fizeste isto comigo?

Marcos não entende a pergunta e pensamentos lhe assombam: *Seria ela louca? Estaria a me confundir com outra pessoa?* Ela continua:

— Ore comigo, segure a minha mão... — num gesto rápido e eficiente ela segura a mão do trêmulo rapaz, que sente um arrepio subir lhe pela espinha. A mão da moça é tão fria que lhe dói até a'lma. Marcos fica estático. Ela o encara e mais uma vez seu olhar penetra nos dele. Ele tenta desviar, mas ela possui algo como um ímã que lhe atrai para as profundezas dos seus olhos. O rapaz entra em transe e visualiza em *flashes* cenas terríveis e inexplicáveis: ele vê Rose correndo desesperada pelos corredores do casarão. Há alguém atrás dela. Um homem aparentemente descontrolado com uma faca em punho. Seu rosto está embaçado e de difícil identificação. Ela se vê acuada, então segura um terço nas mãos, se ajoelha e pede clemência. O homem para e parece refletir por alguns instantes, mas logo em seguida desfere violentos e certos golpes com a destrutiva e pontiaguda arma no frágil corpo da moça, a perfurando dezenas de vezes.

Marcos desperta do transe e percebe que está só na cozinha do casarão. Chama por Rose em vão. Aflito, começa a procurá-la e o desespero o leva até ao escuro quintal. Com uma vela nas mãos, chama pela moça. A grama está alta o que torna seus passos vacilantes. As sombras das árvores lhe pregam peças. O assovio dos ventos nos galhos lhe causam arrepios, correndo o risco da chama da vela se apagar à qualquer momento. Mas foi no fundo do tenebroso quintal, próximo do canto de uma cinza parede, que Marcos visualizou a imagem mais enigmática e dantesca de toda a sua vida: no chão, uma antiga lápide com os seguintes dizeres: *Aqui Jaz Rose Zamberg (1952-1971)*. No centro, um pouco acima das fúnebres palavras, uma foto em formato oval em preto e branco do perfil de Rose ao lado de Marcos.

Ninguém pode fugir ao amor e à morte.

Públio Siro

ASSASSINA DE SONHOS

Tudo começou à partir deste e-mail:

São Paulo, 12 de julho de 2010

Caro Sr. David N. Valentino,

*Venho através deste e-mail informar que o seu original *No Campo dos Sonhos*, foi aprovado por nossa editora para publicação no primeiro bimestre de 2011. Gostaríamos que entrasse em contato com nosso Departamento Editorial, a fim de programarmos uma reunião para acertarmos detalhes do contrato.*

Att.,

Charles Muriel M. Choir
Assistente Editorial

Meu nome é David, tenho vinte e dois anos, sou filho único e moro desde os meus treze anos em Campinas, interior de São Paulo. A mudança de cidade me fez perder alguns amigos, assim como ganhar uma *quase depressão*, isso se existir este termo. Entrei em colapso com a pouca agitação desta cidade. Mas foi à partir deste momento, que encontrei prazer na leitura, e os livros foram os meus principais amigos. Meus pais viajavam — e ainda viajam — constantemente à negócios. Tenho que dizer que minha mesada é grande, pois com ela passo o mês me alimentando, me abastecendo de novos livros, revistas e *souvenirs* diversos, além de participar de alguns cursos de aperfeiçoamento e criação literária. Escrevo artigos para diversos *sites* de literatura, além de participar de antologias e *e-zines* constantemente. Nesta época, reservava algumas horas todos os dias para escrever o meu primeiro romance, intitulado *No Campo dos Sonhos*. Enviei meu original para poucas editoras e por mais incrível que pareça, em menos de três meses tive a tão sonhada resposta, àquela que todos os escritores esperam: a aprovação da editora. Comuniquei os meus pais que ficaram imensamente felizes, e numa conversa entre família, decidimos que seria melhor para minha carreira literária, viver no centro de São Paulo, onde se concentram os maiores grupos de escritores e editoras. Como presente, meus pais me deram um bom dinheiro que deu para comprar um carro zero e dar entrada num apartamento na região dos Jardins.

Enquanto aguardava a publicação do meu livro, minha vida corria bem, até o dia em que resolvi procurar uma ocupação para me distrair, pois não precisava necessariamente de dinheiro. À partir deste momento, acontecimentos sobrenaturais mudaram completamente a história da minha vida:

Fazia alguns dias que estava em meu novo apartamento na região dos Jardins em São Paulo. Como sempre, a mudança de cidade e residência, me causaram estresse. Por mais que tentasse, não estava conseguindo escrever; minha concentração durava poucos segundos e qualquer som provindo do lado de fora do apartamento me distraía. Cansado com tal situação, resolvi caminhar pelas ruas e logo no início de minha jornada tive uma grande ideia — não sou psicólogo, mas tinha tudo para dar certo: resolvi procurar um emprego que me distraísse e acalmasse, nem se fosse temporário por uns três meses. Não tinha experiência, pois nunca tinha trabalhado anteriormente,

mas possuía, e ainda possuo, um vasto conhecimento sobre livros e literatura, principalmente sobre obras estrangeiras, então foquei nas livrarias da região. Encontrei rapidamente três das grandes, mas ambas estavam contratando apenas estagiários. Caminhando um pouco mais, encontrei uma pequena livraria próxima da Av. Brasil. Esta tinha duas vagas, mas era apenas para aposentados. Insatisfeito, resolvi dar uma pausa para almoçar enquanto lia minha revista de literatura preferida, num pequeno encarte, pude notar num guia de sebos de São Paulo, que estava próximo de um na região de Pinheiros. Terminei meu almoço calmamente e caminhei até a Rua Cardeal Arcoverde. Em frente ao estabelecimento, nenhuma placa de *precisa-se* na vitrina, o que momentaneamente me desmotivou, mas um sebo é e sempre foi um prato cheio para os aficionados em literatura, então para levantar o ânimo, resolvi entrar. Senti um êxtase profundo quando visualizei obras dos meus escritores preferidos: George Orwell, Mary Shelley, William Shakespeare, Edgar Allan Poe, Oscar Wilde, Stephen King, Daniel Defoe, Charles Dickens, Ernest Hemingway, Denis Diderot, Edgar Rice Burroughs, Arthur C. Clarke, Truman Capote, H.P. Lovecraft, Isaac Asimov, Umberto Eco e dezenas de outros numa mescla de títulos simplesmente incrível. O aroma de incenso de canela e o ambiente aconchegante me diziam que estava no lugar certo, diferente do aperto e da lúgubre podridão dos quais hoje convivo. Mas não quero que você se perca em minhas lamentações, portanto, continuarei meu relato: Retirei da estante a obra *The Name of the Rose* de Umberto Eco e comecei a folheá-la com desdém. Naquele momento, o mundo parou, e a leitura de alguns poucos trechos levantaram o meu ânimo, mas no momento que retirei outra obra do mesmo autor para ler, um susto: fui abordado por uma funcionária do sebo que fazia questão de mostrar os dentes que se misturavam à palidez do seu rosto. Seus olhos negros se destacavam e me causavam um incômodo incomum, obrigando-me a fixar o olhar apenas na capa da obra *History of Beauty* em minhas mãos. Ela se apresentou como proprietária do estabelecimento, e seu nome era Rose. Percebendo o transtorno que me causou, inesperadamente me convidou para um cafezinho e, se eu acreditasse um pouco mais nas histórias de ficção científica, faria de tudo para retornar ao passado, precisamente antes do momento em aceitar o maldito café.

Sentado acanhadamente em frente a dona do sebo, molhei os lábios no quente e amargo café e resolvi esperar um pouco mais até a próxima tentativa. Sempre gostei de conversar com pessoas inteligentes, o que não foi de total desagrado conversar com Rose, pelo menos naquele momento. Era de se esperar que a dona de um sebo tivesse um grande conhecimento sobre obras antigas e contemporâneas, incluindo as estrangeiras. Perguntei como ela fazia para organizar tantos livros trabalhando aparentemente sozinha, pois não notei outro funcionário no local. Ela disse que morava ali mesmo num quarto nos fundos, então aproveitava e organizava todos os livros nas prateleiras depois do horário de expediente, sempre à noite, pois sofria de insônia e este trabalho era uma grande terapia. Continuamos com a prosa por longos minutos. Minha vida sempre fora um livro aberto, às vezes isso era um grande problema, pois relatava fatos pessoais da minha vida para estranhos sem pensar nas consequências. No caso da conversa com Rose, foi um grande problema: na conversa, lhe disse que procurava emprego, nem se fosse temporário numa livraria ou num sebo, pois precisava me distrair e buscar inspiração para novos textos enquanto aguardava a publicação do meu romance. Ela pareceu não pensar muito e logo ofereceu serviço temporário por três meses, pois precisava colocar a sua vida em dia, embora continuaria trabalhando. Aceitei, afinal, era justamente o que procurava: um emprego num lugar cercado por maravilhosas obras. O salário era razoável, irrisório pela satisfação que me proporcionaria. Começaria no próximo dia, quando assinaria contrato como temporário.

Dia seguinte. Primeiro dia como funcionário do *Rose's Books*.

Cheguei às 8h30 em ponto, trinta minutos antes do horário. Não queria chegar atrasado em meu primeiro dia de trabalho, além de que tinha combinado de chegar com antecedência para assinar o contrato e entregar as cópias dos meus documentos pessoais e fotos 3x4. Rose foi muito receptiva, e enquanto eu vislumbrava mais um pouco os livros, ela foi cuidar da documentação e acender seus incensos, o que parecia ser uma rotina. Olhei para o fundo do sebo e pude notar uma porta entreaberta. Caminhei lentamente, como se estivesse procurando alguma obra específica nas

prateleiras, até me aproximar do escuro local. Próximo da porta, um cheiro de morte: pude notar duas velas vermelhas num pequeno altar repleto de porta-retratos de tamanhos variados. As chamas iluminavam alguns estranhos artefatos pendurados nas paredes e espalhados sobre o chão. Pude notar com dificuldade algumas poucas imagens, pois as pequenas chamas não iluminavam o recinto com precisão. Mas, uma destas figuras, uma estátua de aproximadamente um metro, chamou minha atenção: era a imagem de um homem seminu num tom vermelho com o peito liso, rosto fino e queixo rombudo. Sobre as suas costas, uma longa capa preta e na mão esquerda um tridente. Mas o que realmente denunciava a coisa, eram os seus proeminentes chifres. Havia também uma cama, e ao lado dela uma espécie de jaula. Não consegui enxergar o que tinha lá dentro, mas algo se movimentava freneticamente. Pensei em me aproximar do pequeno altar para ver de quem eram as fotos, mas alguém segurou violentamente o meu braço. Era Rose, e estava furiosa. Num ágil gesto ela fechou a porta e disse para que eu nunca mais me aproximasse dela. Seus olhos soltavam faíscas e sua pálida face agora se assemelhava as da estátua que acabei de visualizar. Sem jeito, pedi desculpas. Ela também se desculpou, disse que estava nervosa devido a rotina do dia-a-dia, mas com o meu auxílio, os dias seguintes seriam melhores. Pouco tempo depois, iniciei o trabalho e não precisei de muitas explicações de Rose, pois meu conhecimento neste ramo era vasto. Logo os clientes chegaram e os primeiros livros do dia foram vendidos. Rose parecia feliz e mais relaxada. Lia constantemente um livro negro e sem título e só parava a sua leitura para atender ao caixa e de vez em quando o telefone. Eu continuava curioso com o quê havia dentro do quarto no fundo do estabelecimento. Tentei esquecer o pouco que vi, mas por mais que me esforçasse, não conseguia. Queria saber o que tinha dentro daquela jaula e o porquê de tantos porta-retratos e imagens diabólicas. Pensamentos me perturbavam: *Ela poderia ser de alguma seita, ou mesmo uma colecionadora de artefatos estranhos.* Mas eu precisava saber mais, pois não sabia nada sobre ela. Tentei me conter até o final do expediente. Felizmente tudo correu bem. Fui para o meu aconchegante apartamento nos Jardins.

Segundo dia no *Rose's Books*

Em meu segundo dia na ida ao trabalho, um acidente na Av. Rebouças: uma caminhonete atravessou a ilha central e bateu de frente com o meu carro. A batida foi violenta, e pela maneira como meu carro foi atingido, não conseguiria vender nem no ferrovelho. Foi perda total, e o pior, não tinha seguro, mas pelo menos não me feri gravemente, foram apenas alguns arranhões. Liguei para Rose e expliquei o ocorrido. Ela me dispensou por um dia, mas no outro eu já estava trabalhando, mas antes disto, levei uma advertência, pois não acostumado com os horários dos ônibus, cheguei alguns minutos atrasado. Desta vez Rose não parecia tão receptiva como em meu primeiro dia de trabalho. Ela se enfiou atrás do balcão e ao invés da leitura de outrora, passou a fazer anotações em seu estranho livro negro. Num clima pesado e sem incensos, não atendi bem os clientes como deveria. Percebi que ela notou, pois de vez em quando seus olhos se desviavam da leitura para supervisionar o meu trabalho. Ela largou o que fazia apenas para almoçar, entrou no quarto dos fundos e bateu a porta com frieza. As vendas foram fracas e o dia foi péssimo.

Quarto dia no *Rose's Books*

Cheguei ao trabalho e a porta da entrada já estava aberta. Dei um bom-dia para Rose, sem retorno. Notei que os livros estavam completamente desorganizados, então iniciei a arrumação. Mais uma vez notei a porta dos fundos entreaberta. Minha curiosidade intensificou as batidas do meu coração. Pensei em me arriscar e entrar, mas lembrei da maneira como Rose se apresentou em minha última tentativa. Tentei me acalmar olhando para alguns títulos de Robert Louis Stevenson, mas logo os abandonei para atender o primeiro cliente do dia.

12h00

Ao invés de almoçar, resolvi caminhar até a Rua Fradique Coutinho. Como sempre, parei em frente a banca de jornal. Não haviam muitas novidades, mesmo assim permaneci no local olhando para as capas das revistas e livros de bolso, mas não li as notícias dos jornais, achava e ainda acho tudo isso muito sensacionalista. Mas algo inesperado piorou ainda mais a minha semana: um garoto

de uns dezesseis anos se aproximou. Achei estranho, pois o clima estava quente e ele usava um capuz que lhe cobria parte do rosto, diferente das pernas finas e seminuas cobertas apenas por uma bermuda listrada. As mãos nos bolsos e a inquietação do rapaz fez com que eu desistisse do meu passatempo e continuasse a caminhada. Ele resolve me perseguir. Talvez fosse coincidência e ele poderia estar caminhando assim como eu, mas ao entrar na Rua Teodoro Sampaio, percebi que ele ainda continuava atrás de mim. Tentei acelerar o passo, ele também acelerou. Parei num semáforo para atravessar a rua, ele também parou. Eu já estava soando frio, pois sei que garotos que assaltam com esta idade não dão a mínima para as consequências. Assim que atravessei a faixa de pedestres, resolvi parar. Ele também. Senti nas costas a ponta fria e dura do cano de um revólver. Ele pediu dinheiro. Eu dei. Ele queria mais, e o tom nervoso de sua voz fez minhas mãos ficarem trêmulas. Dei o celular e meus cartões de crédito. Ele ainda queria mais. Tentei retirar meu relógio do pulso, mas deixei cair. Levei uma coronhada. Apaguei.

Quinto dia no Rose's Books

Atordoado com a pancada do dia anterior, cheguei ao sebo. Mais uma vez Rose não me recepcionou bem. Detalhando os fatos, tentei explicar o que acontecera no dia anterior, até o momento em que levei a pancada, desmaiei e acordei no Hospital das Clínicas. Ela apenas sacudiu a cabeça num sinal de aprovação e voltou para atrás do balcão. Os clientes começaram a entrar, e por mais que eu tentasse atendê-los bem, não conseguia, pois tinha certeza que não ficaria naquele lugar por muito tempo. O que era para ser distração, acabou se tornando pesadelo. Mas foi no meio do expediente, que tive uma das piores notícias de toda a minha vida: ouvi o som seco do telefone. Rose atendeu, balbuciou algumas poucas palavras, olhou para mim e fez sinal para que eu viesse rapidamente. Fui me arrastando completamente sem vontade e, enquanto caminhava, pude perceber uma certa alegria em seu semblante e um brilho diferente em seus olhos que inexplicavelmente denunciava perversidade. Tomei o telefone de sua mão fria e pálida e atendi a chamada com certa desconfiança. Uma voz feminina disse ser a secretária do consulado brasileiro da Itália. Meus pais tinham sofrido um acidente aéreo na noite anterior. Estavam mortos. Em prantos larguei o telefone e corri desesperado para a rua. Não sabia o que fazer, estava sem dinheiro, sem cartões de crédito e sem carro. Voltei caminhando até o meu apartamento. Cansado, sentei-me no sofá. Tentei refletir sobre os acontecimentos passados, mas ouvi mais uma vez o som seco do telefone. Meu coração estremeceu. Com a mão trêmula, atendi. Não eram notícias sobre os meus pais, era Charles Muriel, assistente editorial da editora que publicaria o meu romance. Mais uma vez, a notícia não era boa. Eles mudaram o catálogo da editora que publicariam no ano seguinte e não mais publicariam obras do gênero da minha. Não teria mais o meu romance publicado...

Em uma semana sofri um acidente de carro, fui assaltado, perdi meus pais e meu sonho de ver minha primeira obra nas vitrinas das livrarias. A única coisa que me restava era o maldito emprego no *Rose's Books*, mas estava firme com uma decisão que acabara de tomar: não trabalharia mais naquele local. Como eu não tinha nada a perder, coloquei um plano em prática: esperei à noite invadir a cidade, peguei uma mochila e coloquei uma lanterna e algumas ferramentas, então caminhei lentamente até o sebo. As portas já estavam fechadas, mas ainda haviam transeuntes na rua. Resolvi dar algumas voltas no quarteirão até não ver mais ninguém. Coloquei o plano em prática: com o auxílio de um pé de cabra, arrombei cuidadosamente a porta da entrada e, com certo zelo, a fechei novamente. Eu sabia que Rose sofria de insônia, então o cuidado era redobrado. Com uma pequena lanterna, caminhei até o quarto dos fundos, e para o meu espanto, a porta estava aberta e Rose não estava lá. Entrei e finalmente pude ver o que tinha na jaula ao lado da cama. Eram inúmeros gatos em péssimas condições, talvez dez, uns sobre os outros. Fui até o pequeno altar e com a lanterna, consegui ver sobre ele vários objetos ritualísticos: um punhal, mechas de cabelos de vários tons diferentes e diversos retratos de homens aparentemente jovens como eu. Nas paredes, diversos retratos de homens e mulheres, mas havia algo no chão, um pentagrama e em seu centro, uma foto em cima de uma pequena poça de sangue. Abaixei-me e mirei a luz da lanterna na pequena foto para ter certeza que o homem naquele retrato era eu, fato que confirmei logo em seguida. Assustado, levantei e comecei a caminhar de costas em sentido ao

pequeno altar. Tudo começou a ficar claro à partir daquele momento. Cai sobre a estátua da imagem do demoníaco ser que vi no meu primeiro dia de trabalho. Ele se quebrou em milhares de pedaços. Levantei rapidamente e pude ver sobre a cama o livro negro que Rose tanto lia. Comecei a folheá-lo e logo de início notei que não era um livro, mas sim um antigo diário de centenas de anos de um tal de Cipriano de Cartago. Nas primeiras linhas, ele amaldiçoava uma mulher de nome Rose em viver eternamente com o sofrimento da eternidade, vagando pela Terra incessantemente, por ter denunciado os seus estudos ocultos e a sua relação amorosa com uma mulher de nome Justina ao imperador Diocleciano. Um pouco mais abaixo, um texto com o título *Acta proconsularia Sancti Martyris Cypriani*. Um som vindo de fora do quarto me despertou. Eram passos. Peguei o punhal ritualístico que estava sobre o pequeno altar e permaneci imóvel, não por vontade própria. O som dos passos ficavam cada vez mais próximos. Meu coração parecia explodir. Uma mão abriu a porta e acendeu a luz do quarto. Era Rose e sua feição não era de espanto. Ela sorria. O ódio acumulou em meu sangue que passava em minhas veias numa grande torrente. Pulei em cima da maldita e desferi dezenas de golpes em seu corpo. Ela agonizava ao mesmo tempo em que sorria. Suas últimas palavras foram: *Cipriano, tu nunca estará livre de mim, pois sou eterna. A minha maldição tornou-se a sua maldição...*

(...)

Esta será minha última carta. Fui condenado há mais de trinta anos por roubo seguido de homicídio. Já fazem mais de quatro anos que estou nesta cela imunda com mais quarenta e dois homens. Me acostumei com o odor da podridão do nosso único vaso sanitário. O suor destes homens está impregnado em minhas vestes maltrapilhas. Há anos tenho que me contentar com a leitura dos mesmos recortes de revistas femininas colados nas paredes. Os ossos do meu rosto e do resto do meu corpo são visíveis. Sou apenas pele e ossos. Mas hoje, quando todos dormirem, colocarei em prática o meu último plano: me enforcarei com um simples cadarço que ganhei em troca de um favor aqui na prisão, e se for verdade o que li naquele maldito diário, irei atrás de Rose e me vingarei eternamente.

O BRINQUEDO DE RAMURAK – O DEUS MENINO

Antes do início, tudo era um grande vazio, escuro e sem vida. Mas apenas para o conhecimento humano, pois depois da imensidão desértica do universo, incríveis seres faziam morada num imenso planeta sem cor, possuidores de uma tecnologia tão avançada, que não existiam palavras que a descrevesse. Deuses. Sim, eles eram deuses. O conhecimento sobre o tempo não existia e nem eles próprios sabiam como surgiram. Mas ninguém estava acima deles e nada os ameaçava, nem mesmo a própria morte.

Entre eles, existiam deuses adultos, homens e mulheres. Mas também havia crianças, destacando um deus-menino chamado Ramurak.

Ramurak era filho de Hamutá e Ranub, um dos mais respeitados deuses. Alguns diziam que ele, Ranub, tinha sido o primeiro do seu povo. Outros arriscavam-se a dizer que ele era o próprio criador de toda a sua poderosa raça. Ele sabia que não era o criador e que esse assunto estava acima da sua compreensão, mas sabia que o seu único filho Ramurak, era diferente dos outros deuses, pois era o único que possuía sentimentos.

Hamutá, a deusa-mãe, não compreendia os sentimentos do filho e quase sempre rejeitava suas curiosas ideias. Ranub, embora não os possuísse, sabia o que eram esses sentimentos: algo muito perigoso para a sua raça de deuses. Mesmo assim, pai e mãe mantiveram segredo sobre a diferença do filho para com os demais.

Isolado das outras crianças que mais se pareciam com adultos, ganhou dos pais, para se distrair, uma pequena esfera, através da qual, visualizava todas as cores, algo inexistente em seu planeta.

E com a palma da mão virada para cima, o pequeno deus deixava a esfera flutuar.

Inicialmente, foi uma grande diversão. Mas depois o brinquedo tornou-se enjoativo. E em uma pequena nave incolor em formato de esfera, numa das viagens com seus pais pelo deserto do universo em busca de mais conhecimento, Ramurak, cansado de não ver nada diferente, distanciou-se e, numa pequena distração de Hamutá e Ranub, num estalar de dedos, criou o que é chamado hoje pelos cientistas de *Big Bang*, o início do desenvolvimento do universo. Hamutá, percebendo o que o filho fizera, fez sinal de desaprovação. Ranub olhou sério para o filho e depois para a sua criação, enxergando o que aquilo viria a ser: milhares de galáxias com bilhões de planetas habitados. Ele olhou mais uma vez para o filho e, pela primeira vez, em sua vida eterna, aprendeu o que era felicidade. A mãe, vendo a cena, acabou compreendendo que o filho acabara de fazer algo grandioso.

A viagem pelo deserto do universo tinha valido a pena, pois ambos aprenderam muito.

Enquanto retornavam para o seu planeta, os dois, pai e mãe, seguravam, um de cada lado, as mãos do filho, e enquanto conversavam, souberam que um dia ele faria algo ainda maior.

A única coisa que eles não perceberam foi que o brinquedo do filho, a pequena esfera flutuante, ficara para trás. E ela vagou e presenciou a formação do universo, sua expansão enquanto tomava enormes proporções por muito, muito tempo...

Com o passar dos milênios, uma crosta rochosa foi surgindo em torno da esfera, tornando-a um meteoro com mais de oito quilômetros, viajando numa velocidade aproximada de setenta e dois mil quilômetros por hora, passando por incontáveis estrelas e planetas, sentindo a força vital de cada um deles, presenciando o nascer e o morrer, através de destruições naturais e incontáveis guerras.

A esfera, mesmo sendo um ser inanimado, precisava encontrar um destino, um lar que lhe acolhesse e preservasse a existência, mesmo ela desconhecendo qualquer coisa que pudesse destruí-la, pois fora criada por Hamutá e Ranub, pais de Ramurak, o Criador de toda a vida existente no

universo. Aquele Ser que simplesmente chamamos de Deus.

Ela vagou e notou poucos planetas que lhe agradaram. Mas um era especial, devido à sua exuberante cor azul.

Sim, depois de vagar por bilhões de anos, ela finalmente encontrou o seu destino: o planeta Terra.

O impacto foi devastador, liberando uma energia descomunal, comparada a um milhão de bombas atômicas. O ser, chamado Esfera, não pretendia ter causado tamanho caos, mas acabou gerando a destruição de inúmeras espécies, pois a sua queda causou incêndios, chuvas ácidas e a liberação de gases, poeira e partículas de carboneto, bloqueando a luz solar e gerando uma drástica queda de temperatura na superfície do planeta. Com o passar dos anos, apenas os seres mais resistentes sobreviveram.

A Esfera, fora do seu rochoso casco, vagou solitária pelo nosso planeta e vislumbrou, aos poucos, como ele se reerguia, novamente ganhando vida.

O tempo passou e a Esfera, cansada de vagar a esmo, encontrou morada numa pequena caverna. Ali ela estaria protegida. E mesmo sendo considerada um brinquedo nas mãos de um deus-menino, era a criação de dois poderosos deuses. De certa forma, ela sabia que deveria ficar ali naquela caverna e esperar.

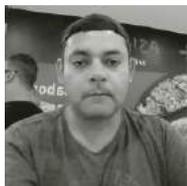
Esperar por alguém que precisasse dela. Esperar por alguém que a possuísse. Pois ela nasceu apenas para servir. Esta era a sua função.

E ela esperou solitária nas trevas de uma simples cavidade rochosa.

Ela, que vislumbrou o nascimento do universo. Ela, que presenciou nações inteiras sucumbirem pela ganância de seus líderes. Ela, que esteve presente no momento fúnebre da morte de milhares de estrelas. Ela, que agora adormecia esperando apenas que algo ou alguém a encontrasse.

Até o dia em que ela percebeu que não estava só: o som de crianças brincando no lado exterior da caverna a despertou do transe. Finalmente chegara o momento de mostrar para o mundo que ela existia. E que um dia esteve nas pequeninas mãos do Grande Criador de todas as coisas.

BIOGRAFIA DO AUTOR



Ademir Pascale é paulista, escritor, digital influencer e ativista cultural. Criador e editor da Revista Conexão Literatura (www.revistaconexaoliteratura.com.br). Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar (Curitiba/PR). Chanceler da Academia Brasileira de Escritores (Abresc), título entregue por seu trabalho na disseminação da literatura e cultura. Participou em vários livros, tendo contos publicados no Brasil, França, Portugal e México. Autor dos livros “Caçadores de Demônios (Editora Draco), “O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe” (Editora Selo Jovem) e organizador do livro “Possessão Alienígena” (Editora Devir).

Entre em contato: ademirpascale@gmail.com